



Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

PELOTAS — TYP. DA LIVRARIA AMERICANA — 42986

ESBOÇO BIOGRAPHICO

DE

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO



Filho legitimo do Dr. Ignacio Manoel Alvares de Azevedo e D. Maria Luiza da Motta Azevedo, Manoel Antonio Alvares de Azevedo nasceu na cidade de S. Paulo, aos 12 de Setembro de 1831, quando seu pae seguia o curso da escola juridica.

Patenteou desde a infancia extraordinaria intelligencia.

Trazido para o Rio de Janeiro, donde seu pae era natural e onde seguiu por alguns annos a carreira da magistratura, que abandonou depois pela advocacia, começou na capital do Imperio a sua educação litteraria, com admiração de todos os seus mestres, a quem surprehendiam seu raro talento e brilhante imaginação.

Em 1845, feitos os necessarios exames, matriculou-se no quinto anno do Imperial Collegio D. Pedro II, e em 1847 tomou o grau de bacharel em letras.

Em 1848 matriculou-se no primeiro anno do curso juridico de S. Paulo, e até 1851, em que

que deram testemunho apontamentos, observações e notas que escreveu.

Como poeta e prosador, Alvares de Azevedo deixou composições que enchem tres volumes, publicados depois de sua morte. Poeta e prosador era o genio espontaneo que se estreava sem pretenções e como escrevendo ao acaso e de improviso.

É preciso não esquecer que todas essas composições são perfumes da infancia, e, apenas algumas, filhas dos seus vinte annos de idade. Tudo quanto escreveu foi a primeira flor de primavera apenas a desabrochar; nenhuma de suas composições foi fructo sazonado. E no entanto, que poderosa phantasia!... que idéas arrojadas e ás vezes estupendas!... que imaginação vulcanica, que inspirações muitas vezes tão suaves e delicadas!...

O seu lugar estava marcado entre os primeiros poetas da lingua portugueza, se a morte o não tivesse roubado tão cedo á patria.

A sua evidente predilecção por Byron foi causa de alguns defeitos que se notam em composições poeticas em que ostenta certa originalidade extravagante; mas ainda nellas flammeja a sua romanesca e rica imaginação.

E sempre que Alvares de Azevedo poetou deixando-se levar pelo proprio genio, e livre da influencia dos grandes poetas que amava, melhor e mais puro se revelou pela originalidade e pelo sentimento.

A sua ultima poesia, Canto do Cysne, inspi-

rada dias antes de adoecer pela idéa do proximo termo de sua vida, foi a seguinte :

SE EU MORRESSE AMANHÃ

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar-me os olhos minha triste irmã ;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã !

Quanta gloria presinto em meu futuro !
Que aurora de porvir e que manhã !
Eu perdera chorando essas corôas
Se eu morresse amanhã !

Que sol ! que céu azul ! que doce n'alma,
Accorda a natureza mais louçã !
Não me batera tanto amor no peito,
Se eu morresse amanhã.

Mas essa dôr da vida, que devora,
Ancia de gloria, o dolorido afan...
A dor no peito emmudecera ao menos
Se eu morresse amanhã !



A NOITE NA TAVERNA

How now Horatio! Ven tremble and look pale
Is not this something more than phantasy
What think yon of it?

HAMLET, acto.

Bebamos ! nem um canto de sandade !
Morrem na embriaguez da vida as dores !
Que importam sonhos, illusões desfeitas ?
Fenecem como as flores !

JOSÉ BONIFACIO

I

Uma noite do seculo

— Silencio, moços! acabai com essas cantilenas horriveis ! Não vedes que as mulheres dormem ebrias, macilentas como defuntos ? Não sentis que o somno da embriaguez pesa negro naquellas palpebras onde a belleza cinzelou os olhares da voluptua ?

— Cala-te, Johann ! Enquanto as mulheres dormem e Arnold-o-louro cambaleia e adormece murmurando as canções de orgia de Tieck, que musica mais bella que o alarido da saturnal ? Quando as nuvens correm negras no céu, como um bando de corvos errantes, e a lua desmaia, como a luz de uma lampada sobre a alvura de uma bellèza que dorme, que melhor noite que a passada ao reflexo das taças ?

— És um louco, Bertran! não é a lua que lá vai macilenta: é o relâmpago que passa, e ri de escarneo ás agonias do povo que morre, aos soluços que seguem as mortalhas do cholera!

— O cholera! e que importa? Não ha por ora vida bastante nas veias do homem? não borbulha a febre ainda ás ondas do vinho? não reluz em todo o seu fogo a lampada da vida na lanterna do craneo?

— Vinho, vinho! Não vês que as taças estão vasias e bebemos o vaçuo, como um somnambulo?

— E' o Fetichismo na embriaguez! Espiritualista, bebe á immaterialidade da embriaguez!

— Oh! vasio! o meu copo está vasio! Olá! taverneira, não vês que as garrafas estão esgotadas? Não sabes, desgraçada, que os labios da garrafa são como os da mulher: só valem beijos emquanto o fogo do vinho ou o fogo do amor os horrifa de lava?

— O vinho acabou-se nos copos, Bertran, mas o fumo ondula ainda nos cachimbos! Após os vapores do vinho os vapores do fumo! Senhores, em nome de todas as nossas reminiscencias, de todos os nossos sonhos que mentiram, de todas as nossas esperanças que desbotaram, uma ultima saude! A taverneira ahi nos trouxe mais vinho; uma saude! O fumo é a imagem do idealismo, é o transumpto de tudo quanto ha de mais vaporoso naquelle espiritualismo que nos fala da immortalidade da alma! Eia, pois! ao fumo das Antilhas, á immortalidade da alma!

— Bravo! bravo!

Um urrah! triplíce respondeu ao moço meio

ebrio. Um conviva se ergueu entre a vozeria; contrastavam-lhe com as faces de moço as rugas da fronte e a rôxidão dos labios convulsós. Por entre os cabellôs prateava-se-lhe o reflexo das luzes do festim. Falou :

— Calai-vos, malditos ! A immortalidade da alma ! pobres doidos ! E porque a alma é bella, porque não concebeis que esse ideal possa tornar-se em lodo e podridão, como as faces bellas da virgem morta, não podeis erer que elle morra ? Doidos ! nunca velada levastes por ventura uma noite á cabeceira de um cadaver ? E então não duidastes que elle não era morto, que aquelle peite e aquella fronte iam palpitar de novo, aquellas palpebras iam abrir-se, que era apenas o opio do somno que emmudecia aquelle homem ? Immortalidade da alma ? e porque tambem não sonhar a das flores, a das brisas, a dos perfumes ? Oh ! não, mil vezes ! a alma não é como a lua, sempre moça, nua e bella, em sua virgindade eterna ! A vida não é mais que a reunião ao acaso das moleculas attraídas : o que era o corpo de mulher vai por ventura transformar-se num cypreste ou numa nuvem de miasmas ; o que era um corpo de verme vai alvejar-se no calice da flor ou na fronte da creança mais loura e bella. Como Schiller o disse, o atomo da intelligencia de Platão foi talvez para o coração de um ser impuro. Por isso eu vel-o direi : se entendeis a immortalidade pela metempsychose, bem ! talvez eu a creia um pouco ; pelo platonismo, não !

— Solferi ! és um insensato ! O materialismo é arido como o deserto, é escuro como um túmulo ! A vós, fronteS queimadas pelo mormaço

do sol da vida, a vós, sobre cuja cabeça a velhice regelou os cabellos—essas crenças frias. A nós os sonhos do spiritualismo.

— Archibald! devéras que é um sonho tudo isso! No outro tempo o sonho da minha cabeceira era o espirito puro ajoelhado no seu manto argenteo, num oceano de aromas e luzes. Illusões! a realidade é a febre do libertino, a taça na mão, a lascivia nos labios, e a mulher semi-nua, tremula e palpitante sobre os joelhos.

— Blasphemia! e não crês em mais nada? Teu scepticismo derribou as estatuas do templo, mesmo a de Deus?

— Deus! crêr em Deus! sim como o grito intimo que se revela nas horas frias do medo, nas horas em que se tiritita de susto e que a morte parece roçar humida por nós! Na jangada do naufrago, no cadafalso, no deserto, sempre banhada do suor frio do terror, é que vem a crença em Deus! — Crêr nelle como a utopia do bem absoluto, o sol da luz e do amor, muito bem; mas, se entendeis por elle os idolos que os homens ergueram banhados de sangue, e o fanatismo beija em sua inanimação de marmore de ha cinco mil annos—não creio nelle!

— E os livros santos?

— Miseria! Quando me vierdes falar em poesia eu vos direi—ahi ha folhas inspiradas pela natureza ardente daquella terra, como nem Homero as sonhou,—como a humanidade inteira ajoelhada sobre os tumulos do passado mais nunca lembrará! Mas, quando me falarem em verdade religiosas, em visões santas, nos desvarios daquelle povo estúpido, eu vos direi—miseria!

miseria ! tres vezes miseria ! Tudo aquillo é falso: mentiram como as miragens do deserto !

— Estás ebrio, Johann ! O atheismo é a insania, como o idealismo mystico de Schelling, o pantheismo de Spinoza, o judeu, e o esterismo crente de Malebranche, nos seus sonhos da visão em Deus. A verdadeira philosophia é o epicurismo. Hume bem o disse: o fim do homem é o prazer: Dahi vêde que é o elemento sensível o que domina. E, pois, ergamo-nos, nós que amarellecemos nas noites desbotadas do estudo insano, e vimos que a sciencia é falsa e esquiva, que ella mente e embriaga como um beijo de mulher.

— Bem ! muito bem ! é um *toast* de respeito !

— Quero que todos se levantem, e com a cabeça descoberta digam : Ao Deus Pan da natureza, áquelle que a antiguidade chamou Baccho, o filho das côxas de um Deus e do amor de uma mulher, e que nós chamamos melhor pelo seu nome—o vinho !

— Ao vinho ! ao vinho !

Os copos caíram vãos na mesa.

— Agora ouvi-me, senhores ! Entre uma saude e uma baforada de fumo, quando as cabeças queimam e os cotovellos se estendem na toalha molhada de vinho, como os braços do carneiro no cepo gottejante, o que nos cabe é uma historia sanguinolenta, um daquelles contos phantasticos—como Hoffmann os delirava ao clarão dourado do Johannisberg !

— Uma historia medonha, não, Archibald ? falou um moço pallido que a esse reclamo erguera a cabeça amarelenta. Pois bem, dir-vos-ei uma historia. Mas quanto a essa podeis tre-

mer a gosto, podeis suar a fio da fronte grossas bagas de terror. Não é um conto, é uma lembrança do passado.

— Solfieri ! Solfieri ! ahí vens com teus sonhos !

— Conta !

Solfieri falou ; os mais fizeram silencio.

II

Solfieri

... Yet one kiss on your pale clay
And those lips once so wam-my heart ! my heart.

BYRON,—CAIN

Sabeil-o... Roma é a cidade do fanatismo e da perdição: na alcova do sacerdote dorme a gosto a amazia, no leito dá vendida se pendura o crucifixo livido.

E' um requintar de goso blasphemo, que mescla o sacrilegio á convulsão do amor, o beijo lascivo á embriaguez da crença.

Era em Roma. Uma noite a lua ia bella como vai sempre ella no verão por aquelle céu morno; e o frescor das aguas se exhalava como um suspiro do leito do Tibre. A noite ia bella.—Eu passeava a sós pela ponte de... As luzes se apagavam uma por uma nos palacios, as ruas se faziam ermas, e a lua, de somnolenta, se escondia no leito de nuvens.

Uma sombra de mulher appareceu numa janella solitaria e escura. Era uma forma branca.

A face daquella mulher era como a de uma estatua pallida á lua. Pôlas faces della, como gottas de uma taça calda, rolavam fios de lagrimas.

Eu me encostei á aresta de um palacio. A visão desapareceu no escuro da janella, e dahi um canto se derramava. Não era só uma voz melodiosa; havia naquelle cantar um como choro de phrenesi, um como gemer de insania: aquella voz era sombria como a do vento á noite nos cemiterios, cantando a nenia das flores murchas da morte.

Depois o canto calou-se. A mulher appareceu na porta. Parecia espreitar se havia alguem nas ruas. Não viu ninguem—saiu. Eu segui-a.

A noite ia cada vez mais alta: a lua sumira-se no céo, e a chuva caía a gottas pesadas; apenas eu sentia nas faces cairem-me grossas lagrimas de agua, como sobre um tumulto prantos de orphãos.

Andamos longo tempo pelo labyrintho das ruas; emfim ella parou: estavamos num campo.

Aqui, alli, além, eram cruces que se erguiam de entre o hervaçal. Ella ajoelhou-se. Parecia soluçar; em torno della passavam as aves da noite.

Não sei se adormeci; sei apenas que quando amanheceu achei-me a sós no cemiterio. Comtudo a creatura pallida não fôra uma illusão—as urzes, as cicutas do campo santo estavam quebradas junto a uma cruz.

O frio da noite, aquelle somno dormido á chuva, causaram-me febre. No meu delirio passava e repassava aquella brancura de mulher,

gemiam aquelles soluços, e todo aquelle devaneio se perdia num canto suavissimo...

Um anno depois voltei a Roma. Nos beijos das mulhøres nada me saciava : no somno da saciedade me vinha aquella visãõ...

Uma noite, e apõs uma orgia, eu deixara dormida em seu leito a condessa Barbara. Dei um ultimo olhar aquella forma nua e adormecida com a febre nas faces e a lascivia nos labios humidos, gemendo ainda nos sonhos como na agonia voluptuosa do amor. Saí. Não sei se a noite era limpida ou negra ; sei apenas que a cabeça me escaldava de embriaguez. As taças tinham ficado vasiaas na mesa ; nos labios daquella creatura eu bebera até á ultima gotta o vinho do deleite...

Quando dei accordo de mim, estava num logar escuro ; as estrellas passavam seus raios brancos entre as vidraças de um templo. As luzes de quatro cirios batiam num caixão semi-cerrado. Abrio-o : erao de uma moça. Aquelle branco da mortalha, as grinaldas da morte na fronte della, aquella tez livida e embaçada, o vidrento dos olhos mal apertados... era uma defunta ; e aquelles traços todos me lembraram uma idéa perdida... — Era o anjo do cemiterio ! Cerrei as portas da egreja, que, ignoro porque, eu achara abertas.

Tomei o cadaver nos meus braços para fora do caixão. Pesava como chumbo...

Sabeis a historia de Maria Stuart degolada, e do algoz *do cadaver sem cabeça e do homem sem coração*, como a conta Branthôme ? Foi uma idéa singular a que eu tive.

Tomei-a no collo. Preguei-lhe mil beijos nos labios. Ella era bella assim; rasguei-lhe o sudario, despi-lhe o véo e a capella, como o noivo os despe á noiva. Era mesmo uma estatua: tão branca era ella. A luz dos tocheiros dava-lhe aquella pallidez de ambar que lustra os marmores antigos. O goso foi fervoroso — cevei em perdição aquella vigilia. A madrugada passava já frouxa nas janellas. Aquelle calor de meu peito, á febre de meus labios, á convulsão de meu amor, a donzella pallida parecia reanimar-se. Subito abriu os olhos empanados. Luz sombria allumiou-os como a de uma estrella entre névoa; apertou-me em seus braços, um suspiro ondeou-lhe nos beiços azulados... Não era já a morte — era um desmaio. No aperto daquelle abraço havia comtudo alguma cousa de horri-vel.

O leito de lagea onde eu passara uma hora de embriaguez me resfriava. Pude a custo soltar-me daquelle aperto do peito della... Nesse instante ella accordou...

Nunca ouvistes falar da catalepsia? E' um pesadelo horrivel, aquelle em que gyra o accordado que emparedam num sepulchro; sonho gelado em que sentem-se os membros tolhidos e as faces banhadas de lagrimas alheias sem poder revelar a vida!

A moça revivia pouco a pouco. Ao accor-dar desmaiara.

Embucei-me na capa e tomei-a nos braços, coberta com seu sudario, como uma creança. Ao approximar-me da porta topei num corpo: abai-xei-me, olhei — era algum coveiro do cemiterio

da igreja que ahí dormia ebrio, esquecido de fechar a porta. . .

Saí. Ao passar a praça encontrei uma patrulha.

— Que levas ahí?

A noite era muito alta—talvez me crêsem um ladrão.

— E' minha mulher, que vai desmaiada. . .

— Uma mulher! . . . Mas essa roupa branca e longa? Serás acaso roubador de cadaveres?

Um guarda approximou-se. Tocou-lhe a fronte—era fria.

— E' uma defunta! . . .

Cheguei meus labios aos della. Senti um beijo morno.

Era a vida ainda.

— Vêde, disse eu.

O guarda chegou-lhe os labios: os beiços asperos roçaram pelos da moça. Se eu sentisse o estalar de um beijo. . . o punhal já estava nú em minhas mãos frias. . .

— Boa noite, moço, podes seguir, disse elle.

Caminhei. Estava cansado. Custava a carregar o meu fardo—e eu sentia que a moça ia despertar.

Temeroso de que ouvissem-na gritar e acudissem, corri com mais esforço. . .

Quando eu passei a porta, ella accordou. O primeiro som que lhe saíu da bocca foi um grito de medo. . .

Mal fechara a porta, bateram nella. Era um bando de libertinos, meus companheiros, que voltavam da orgia.

Reclamaram que abrisse.

Fechei a moça no meu quarto, e abri.

Meia hora depois eu os deixava na sala, bebendo ainda.

A turvação da embriaguez fez que não notassem minha ausencia.

Quando entrei no quarto da moça vi-a erguida. Ria, de um rir convulso como a insania e frio como a folha de uma espada. Trespassava de dor o ouvil-a.

Dois dias e duas noites levou ella de febre assim. . .

Não houve sanar-lhe aquelle delirio, nem o rir do phrenesi. Morreu depois de duas noites e dois dias de delirio.

A' noite saí; fui ter com um estatuario que trabalhava perfeitamente em cêra, e paguei-lhe uma estatua dessa virgem.

Quando o esculptor saiu, levantei os tijolos de marmore de meu quarto, e com as mãos cavei ahi um tumulo. Tomei-a então pela ultima vez nos braços, apertei-a a meu peito muda e fria, beijei-a e cobri-a, adormecida no somno eterno, com o lençol do seu leito. Fechei-a no seu tumulo e estendi meu leito sobre elle.

Um anno—noite e noite dormi sobre as lazes que a cobriam. . . Um dia o estatuario me trouxe a sua obra. Paguei-lh'a e paguei o segredo. . .

Não te lembras, Bertram, de uma forma branca de mulher que entreviste pelo véo do meu cortinado? Não te lembras que eu te respondi que era uma virgem que dormia?

— E quem era essa mulher, Solferi?

— Quem era? seu nome?

— Quem se importa com uma palavra quando sente que o vinho queima assaz os labios? Quem pergunta o nome da prostituta com quem dormia, e que sentia morrer a seus beijos, quando nem ha delle mister para escrever-lh'o na lousa ?

Solfieri encheu uma taça. Bebeu-a. Ia erguer-se da mesa quando um dos convivas tomou-o pelo braço.

— Solfieri, não é um conto isso tudo ?

— Pelo inferno que não ! por meu pae, que era conde e bandido ; por minha mãe, que era a bella Messalina das ruas ; pela perdição que não ! Desde que eu proprio calquei aquella mulher com meus pés na sua cova de terra—eu vol-o-juro—gardei-lhe como amuleto a capella de defunta. Eil-a !

Abriu a camisa, e viram-lhe ao pescoço uma grinalda de flores mirradas.

— Vêdes ? murcha e secca como o craneo della !

III

Bertram

— But why should I for others groan
When none will sigh for me ?

CHILDE HAROLD I.

Um outro cónviva se levantou.

Era uma cabeça ruiva, uma tez branca, uma daquellas creaturas phleugmaticas que não hesitarão tropeçar num cadaver para ter mão de um fim.

Esvasiou o copo cheio de vinho, e com a barba nas mãos alvas, com os olhos de verde-mar, fixos, falou :

— Sabeis, uma mulher levou-me á perdição.

Foi ella quem me queimou a fronte nas orgias e desbotou-me os labios no ardor dos vinhos e na molleza de seus beijos ; quem me fez devassar pallido as longas noites de insomnia nas mesas do jogo e na doirdice dos abraços convulsos com que ella me apertava ao seio ! Foi ella, vós o sabeis, quem me fez um dia ter tres duellos com os meus tres melhores amigos, abrir tres tumulos áquelles que mais me amavam na vida—e depois, sentir-me só e abandonado no mundo, como a infanticida que matou seu filho, ou aquelle mouro infeliz junto á sua Desdemona pallida !

Pois bem ; vou contar-vos uma historia que começa pela lembrança desta mulher . . .

Havia em Cadiz uma donzella—linda daquelle moreno das andaluzas que não ha vel-as sob as franjas da mantilha assetinada, com as plantas mimosas, as mãos de alabastro, os olhos que brillam, e os labios de rosas de Alexandria sem delirar sonhos dellas por longas noites ardentes !

Andaluzas ! sois muito bellas ! Se o vinho, se as noites da vossa terra, o luar de vossas noites, vossas flores, vossos perfumes são doces, são puros, são embriagadores, vós ainda o sois mais ! Oh ! por este eivar a eito de gosos de uma existencia fogosa nunca pude e quecer vos !

Senhores ! ali temos vinho de Hespanha, enchei os copos—á saude das hespanholas ! . . .

.

Amei muito essa moça. Chamava-se **Angela**. Quando eu estava decidido a casar-me com ella; quando após ás longas noites perdidas ao relento a espreitar-lhe da sombra um aceno, um adeus, uma flor; quando após tanto desejo e tanta esperança eu sorvi-lhe o primeiro beijo —tive de partir de Hespanha para Dinamarca, onde me chamava meu pae.

Foi uma noite de soluços e lagrimas, de choros e de esperanças, de beijos e promessas, de amor, de voluptuosidade no presente e de sonhos no futuro. . . Parti.

Dois annos depois foi que voltei. Quando entrei na casa de meu pae, elle estava moribundo: ajoelhou-se no seu leito e agradeceu a Deus ainda ver-me. Poz as mãos na minha cabeça, banhou-me a fronte de lagrimas—eram as ultimas—depois deixou-se cair, poz as mãos no peito, e com os olhos em mim, murmurou—Deus!

A voz suffocou-se-lhe na garganta; todos choravam.

Eu tambem chorava—mas era de saudades de **Angela**. . .

Logo que pude reduzir minha fortuna a dinheiro, collocuei-a no banco de Hamburgo, e parti para Hespanha.

Quando voltei, **Angela** estava casada, e tinha um filho. . .

Comtudo o meu amor não morreu! Nem odella!

Muito ardentes foram aquellas horas de amor e de lagrimas, de saudades e de beijos, de sonhos e maldições para nos esquecermos um do outro.

Uma noite, dois vultos alvejavam nas sombras de um jardim, as folhas tremiam ao ondear de um vestido, as brisas soluçavam aos soluços de dois amantes, e o perfume das violetas que elles pisavam, das rosas e madresilvas que abriam em torno delles, era ainda mais doce perdido no perfume dos cabellos soltos de uma mulher...

Essa noite foi uma loucura! Foram umas poucas horas de sonhos de fogo! e quão breve passaram! Depois dessa noite seguiu-se outra, outra... e muitas noites as folhas sussurraram ao rôçar de um passo mysterioso, e o vento se embriagou de deleite nas nossas fronte pallidas...

Mas um dia o marido soube tudo: quiz representar de Othelo com ella. Doido!...

Era alta noite; eu esperava ver passar nas cortinas brancas a sombra do anjo. Quando passei, uma voz chamou-me. Entrei. Angela, com os pés nus, o vestido solto, o cabello desgrenhado e os olhos ardentes, tomou-me pela mão... Senti-lhe a mão humida... Era escura a escada que subiamos: passei a minha mão, molhada pela della, por meus labios. Tinha sabor a sangue.

— Sangue, Angela! De quem é esse sangue? A hespanhola sacudiu seus longos cabellos negros e riu-se.

Entramos numa sala. Ella foi buscar uma luz e deixou-me no escuro.

Procurei, tacteando, um logar para assentar-me: toquei numa mesa. Mas ao passar-lhe a mão senti-a banhada de humidade; além senti uma

cabeça fria como neve e molhada de um liquido espesso e meio coagulado.

Era sangue...

Quando Angela veio com a luz, eu vi... era horrivel!

O marido estava degollado.

Era uma estatua de gesso lavada em sangue...

Sobre o peito do assassinado estava uma creança de bruços.

Ella ergueu-a pelos cabellos... Estava morta tambem : o sangue corria das veias rotas de seu peito e se misturava com o do pae!

— Vês, Bertram, este era o meu presente : agora será, negro embora, um sonho do meu passado. Sou tua, e tua só. Foi por ti que tive força bastante para tanto crime... Vem, tudo está prompto, fujamos. A nós o futuro !

.

Foi uma vida insana a minha com aquella mulher ! Era um viajar sem fim. Angela vestira-se de homem : era um formoso mancebo assim. No demais, ella era como todos os moços libertinos que nas mesas da orgia batiam com a taça na taça della. Bebia já como uma ingleza, fumava como uma sultana, montava a cavallo como um arabe, e atirava ás armas como um hespanhol.

Quando o vapor dos licores me ardia na frente, ella m'a repousava em seus joelhos, tomava um bandolim e me cantava as modas da sua terra...

Nossos dias eram lançados ao somno como perolas ao amor : nossas noites, sim, eram bellas !

.

Um dia ella partiu ; partiu, mas deixou-me os labios ainda queimados dos seus e o coração cheio do germen de vicios que ella ahi lançara. Partiu ; mas a sua lembrança ficou como o phantasma de um mau anjo perto do meu leito.

Quiz esquecel-a no jogo, nas bebidas, na paixão dos duellos. Tornei-me um ladrão nas cartas, um homem perdido por mulheres e orgias, um espadachim terrivel e sem coração.

.
Uma noite eu caíra ebrio ás portas de um palacio ; os cavallos de uma carruagem pisaram-me ao passar e partiram-me a cabeça de encontro á lagea. Acudiram-me desse palacio, Depois amaram-me. A familia era um nobre velho viuvo e uma belleza peregrina de dezoito annos,

Não era amor, de certo, o que eu sentia por ella—não sei o que foi—era uma fatalidade infernal. A pobre innocente amou-me, e eu, recebido como o hospede de Deus sob o tecto do velho fidalgo, deshonnei-lhe a filha, roubei-a, fugi com ella . . . E o velho teve de chorar suas cans manchadas na deshonra de sua filha, sem poder vingar-se.

Depois enjoei-me dessa mulher. A saciedade é um tedio terrivel. Uma noite em que eu jogava com Siegfried, o pirata, depois de perder as ultimas joias della, vendi-a.

A moça envenenou Siegfried logo na primeira noite, e afogou-se . . .

.
Eis ahi quem eu sou : se quizesse contar-

vos longas historias do meu viver, vossas vigílias correriam breves de mais...

Um dia—era na Italia—saciado de vinho e mulheres, eu ia suicidar-me. A noite era escura e eu chegara só á praia. Subi a um rochedo: dahi a minha ultima voz foi uma blasphemia, o meu ultimo adeus uma maldição... o meu ultimo... digo mal, porque senti-me erguido nas aguas pelos cabellos...

Então, na vertigem do afogo, o anhelado da vida accordou-se em mim. A principio tinha sido uma cegueira, uma nuvem ante meus olhos, como aos daquelle que labuta nas trevas. A sede da vida veio ardente: apertei aquelle que me soccorria; fiz tanto, em uma palavra, que, sem o querer, matei-o. Cançado do esforço desmaiei...

Quando recobrei os sentidos estava num escalear de marinheiros, que remavam mar em fora. Ahi soube eu que meu salvador tinha morrido afogado por minha culpa. Era uma sina, e negra; e por isso ri-me: ri-me enquanto os filhos do mar choravam.

Chegamos a uma corveta que estava erguendo ancora.

O commandante era um bello homem. Pelas faces vermelhas caíam-lhe os crespos e louros cabellos, onde a velhice alvejava algumas cans.

Elle perguntou-me:

— Quem és?

— Um desgraçado que não pôde viver na terra e que não deixaram morrer no mar.

— Queres, pois, viver a bordo?

— A menos que não prefirais atirar-me ao mar.

— Não o faria: tens uma bella figura. Levarte-ei commigo. Servirás...

— Servir! e ri-me; depois respondi-lhe frio: deixai que me atire ao mar ..

— Não queres servir? queres então viajar de braços cruzados?

— Não; quando for a hora da manobra dormirei; mas quando vier a hora do combate ninguem será mais valente do que eu...

— Muito bem; gosto de ti, disse o velho lobo do mar.

— Agora, que estamos conhecidos, dize-me teu nome e tua historia.

— Meu nome é Bertram. Minha historia? escutai: o passado é um tumulto. Perguntai ao sepulchro a historia do cadaver! elle guardará o segredo... dir-vos-á apenas que tem no seio um corpo que se corrompe! lereis sobre a lousa um nome—e não mais...

O commandante franziu as sobancelhas, e passou adeante para commandar a manobra.

O commandante trazia a bordo uma bella moça.

Creatura pallida, pareceria a um poetao anjo da esperanza adormecendo esquecido entre as ondas. Os marinheiros a respeitavam. Quando pelas noites de lua ella repousava o braço na amurada e a face na mão, aquelles que passavam junto della se descobriam respeitosos. Nunca ninguem lhe vira olhares de orgulho, nem lhe ouvira palavras de colera: era uma santa.

Era a mulher do commandante.

Entre aquelle homem brutal e valente, rei bravio no alto mar, esposado—como os Doges de

Veneza ao Adriatico—à sua garrida corveta, entre aquelle homem, pois, e aquella madoua, havia um amor de homem como palpita o peito que longas noites abriu-se ao luar do oceano solitario; que adormeceu pensando nella ao frio das vagas e ao calor dos tropicos; que suspirou nas horas de quarto, alta noite, na amurada do navio, lembrando-a nos nevoeiros da cerração, nas nuvens da tarde... Pobres doidos! parece que esses homens amam muito! A bordo ouvi a muitos marinheiros seus amores singellos: eram moças louras da Bretanha e da Normandia, ou alguma hespanhola de cabellos negros vista ao passar, sentada na praia com sua cesta de flores—ou adormecidas entre os laranjaes cheirosos ou dansando o fandango lascivo nos bailes ao relento! Houve junto a mim muitas faces asperas e tostadas ao sol do mar que se banharam de lagrimas...

Voltemos á historia: O commandante a estremecia como um louco—um pouco menos que a sua honra, um pouco mais que sua corveta...

E ella—ella, no meio de sua melancolia, de sua tristeza e sua pallidez—ella sorria ás vezes, quando scismava sosinha; mas era um sorriso tão triste que doia. Coitada!

Um poeta a amaria de joelhos. Uma noite—de certo eu estava ebrio—fiz-lhe uns versos. Na languida poesia eu derramara uma essencia preciosa e limpida, que ainda não se polluirá no mundo...

Bofé! que chorei quando fiz esses versos. Um dia, mezes depois, li-os, ri-medelles e de mim e atirei-os ao mar... Era a ultima folha da minha virgindade que lançava ao esquecimento...

Agora, enchei os copos—o que vou dizer-vos é negro: é uma lembrança horrível como os pesadelos no oceano.

Com suas lagrimas, com seus sorrisos, com seus olhos humidos e os seios entumescidos de suspiros, aquella mulher me enlouquecia as noites. Era como uma vida nova, que nascia cheia de desejos, quando eu cria que todos elles eram mortos como creanças afogadas em sangue ao nascer.

Amei-a : porque dizer-vos mais ? Ella amou-me tambem. Uma vez, a lua ia limpida e serena sobre as aguas; as nuvens eram brancas como um véo recamado de perolas da noite; o vento cantava nas ondas. Bebi-lhe na pureza desse luar, ao fresco dessa noite, mil beijos nas faces molhadas de lagrimas, como se bebe o orvalho de um lirio cheio. Aquelle seio palpitante, o contorno asetinado, apertei-os sobre mim.

O commandante dormia.

Uma vez, ao madrugar, o gageiro assignalou um navio. Meia hora depois desconfiou que era um pirata...

Chegamos cada vez mais perto. Um tiro de polvora secca da corveta reclamou a bandeira. Não responderam. Deu-se segundo—nada.

Então um tiro de bala foi cair nas aguas do barco desconhecido como uma luva de duello.

O barco, que até então tinha seguido rumo opposto ao nosso, e vinha proa contra proa, virou de bordo e apresentou-nos seu flanco enfumado: um relampago percorreu-lhe as baterias, um estrondo seguiu-se e uma nuvem de balas veio morrer perto da corveta.

Ella não dormia, virou de bordo; os navios ficaram lado a lado. A' descarga do navio de guerra, o pirata estremeceu como se quizesse ir a pique.

O pirata fugia; a corveta deu-lhe caça; as descargas trocaram-se então mais fortes de ambos os lados.

Emfim o pirata pareceu ceder. Atracaram-se os dois navios como para uma lucta. A corveta vomitou sua gente a bordo do inimigo. O combate tornou-se sangrento. Era um matadouro; o chão do navio escorrégava de tanto sangue; o maranciava cheio de espumas, ao boíar de tantos cadáveres. Nesta occasião sentiu-se uma fumaça que subia do porão: O pirata deitara fogo ao paiol...

Apenas a corveta, por uma manóbra atrevida, pôde afastar-se do perigo. Mas a explosão fez-lhe grandes estragos. Alguns minutos depois o barco do pirata voou pelos ares. Era uma scena pavorosa, ver entre aquella fogueira de chammas, ao estrondo da polvora, ao reverberar deslumbrador do fogo nas aguas, os homens, arrojados ao ar, irem cair no oceano.

Uns a meio queimados se atiravam á agua, outros com os membros esfolados e a pelle a despegar-se-lhe do corpo, nadavam ainda, entre dores horribeis e morriam torcendo-se em maldições.

A uma legua da scena do combate havia uma praia bravia, cortada de rochedos... Ahi se salvaram os piratas que puderam fugir.

E nesse tempo, enquanto o commandante se

batia como um bravo, eu o deshonrava como um cobarde.

Não sei como se passou todo o tempo que decorreu depois.

Foi uma visão de gosos malditos — eram os amores de Satan e de Eloa, da morte e da vida, num leito do mar.

Quando accordei um dia desse sonho, o navio tinha encalhado num banco de areia; o ranger da quilha a moer na areia gelou a todos; meu despertar foi a um grito de agonia...

— Olá, mulher! taverneira maldita! não vês que o vinho acabou-se?

Depois, foi um quadro horrível! Éramos nós numa jangada, no meio do mar. Vós, que lestes o *D. Juan*, que fizestes talvez daquelle veneno a vossa Biblia, que dormistes as noites da saciedade, como eu, com a face sobre elle e com os olhos ainda fitos nelle (vistes tanta vez amanhecer, sabeis quanto se cõa de horror naquelles homens atirados ao mar, num mar sem horizonte, ao balanço das águas, que parecem suffocar seu escarneo na mudez fria de uma fatalidade.

Uma noite, a tempestade veio — apenas houve tempo de amarrar nossas munições... Fôra mister ver o oceano bramindo no escuro, como um bando de leões com fome, para saber o que é a borrasca; fôra mister vel-a de uma jangada, a luz da tempestade, ás blasphemias dos que não crêm e maldizem, ás lagrimas dos que esperam e desesperam, aos soluços dos que tremem e tiritam de susto como aquelle que bate á porta do nada... E eu, eu ria: era como o genio do scepticismo naquelle deserto. Cada vaga que varria nossas ta-

boas descosidas, arrastava um homem, mas cada vaga que me rugia aos pés parecia respeitar-me. Era um oceano como aquelle de fogo onde caíram os anjos perdidos de Milton, o cego: quando elles passavam cortando-as a nado, as aguas do pantano de lava se apertavam; a morte era para os filhos de Deus— não para os bastardos do mal!

Toda aquella noite passei-a com a mulher do commandante nos braços. Era um hymeneu terrivel aquelle, que se consummava entre um descrido e uma mulher pallida que enlouquecia; o thalamo era o oceano, a espuma das vagas era a seda que nos alcatifava o leito. Em meio daquelle concerto de uivos que nos ia ao pé, os gemidos nos suffocavam, e nós rolavamos abraçados, atados a um cabo da jangada, por sobre as taboas...

Quando a aurora veio, restavamos cinco: eu, a mulher do commandante, elle e dois marinheiros...

Alguns dias comemos umas bolachas repassadas da salsugem do mar. Depois, tudo o que ha de mais horrivel se passou...

— Porque empallideces, Solfieri? a vida é assim. Tu o sabes como eu o sei. O que é o homem? é a espuma que ferve hoje na torrente e amanhã desmaia; alguma cousa de louco e movediço como a vaga, de fatal como o sepulchro! O que é a existencia? Na mocidade é o kaleidoscopio das illusões: vive-se então da seiva do futuro. Depois envelhecemos; quando chegamos aos trinta annos, e o suor das agonias nos grisalhou os cabellos antes de tempo, e murcharam como nossas faces as nossas esperanças, oscilla-

mos entre o passado visionario e este amanhã do velho, gelado e ermo depois, como um cadaver que se banha antes de dal-o à sepultura! Miséria! loucura!

— Muito bem! miséria e loucura! interrompeu uma voz.

O homem que falara era um velho. A fronte se lhe descalvara, e longas e fundas rugas a sulcavam—eram as ondas que o vento da velhice lhe cavara no mar da vida... Sob espessas sobran-celhas grisálhas lampejavam-lhe os olhos pardos, e um espesso bigode lhe cobria parte dos labios. Trazia um gibão negro e roto, e um manto desbotado, da mesma cor, lhe caía dos hombros.

— Quem és, velho? perguntou o narrador.

— Passava lá fora: a chuva caía a cantaros; a tempestade era medonha: entrei. Boa noite, senhores! se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até às bordas e beberei com vosco.

— Quem és?

— Quem eu sou? na verdade fôra difficil dizel-o: corri muito mundo, a cada instante mudando de nome e de vida. Fui poeta, e como poeta cantei. Fui soldado, banhei minha fronte juvenil nos ultimos raios de solda aguia de Waterloo. Apertei ao fogo da batalha a mão do homem do seculo. Bebi numa taverna com Bocage, o portuguez; ajoelhei-me na Italia sobre o tumulo de Dante; e fui á Grecia para sonhar como Byron naquelle tumulo das glorias do passado. Quem eu sou? Fui um poeta aos vinte annos, um libertino aos trinta; sou um vagabundo sem patria e sem crenças aos quarenta. Sentei-me á sombra de todos os soes, beijei labios de mulhe-

res de todos os paizes, e de todo esse peregrinar só trouxe duas lembranças — um amor de mulher que morreu nos meus braços na primeira noite de embriaguez e de febre, e uma agonia de poeta. . . Della, tenho uma rosa murcha e a fita que prendia seus cabellos. Delle, olhai!

O velho tirou do bolso um embrulho: era um lenço vermelho o involucro; desataram-no — dentro estava uma caveira.

— Uma caveira! gritaram em torno; és um profanador de sepulturas?

— Olha, moço, se entendes a sciencia de Gall e Spurzheim, diz-me pela protuberancia dessa fronte e pelas bossas dessa cabeça quem podia ser esse homem?

— Talvez um poeta — talvez um louco.

— Muito bem! adivinhaste. Só erraste não dizendo que talvez ambas as cousas a um tempo. Seneca o disse — a poesia é a insania. Talvez o genio seja uma allucinação e o entusiasmo precise da embriaguez para escrever o hymno sanguinario e fervoroso de Rouget de l'Isle, ou para a criação do painel medonho do Christo morto de Holbein, estudar a corrupção no cadaver. Na vida mysteriosa de Dante, nas orgias de Marlwe, no peregrinar de Byron, havia uma sombra da doença do Hamleto; quem sabe?

— Mas, a que vem tudo isso?

— Não bradastes — miseria e loucura! — vós, almas onde talvez borbulhava o sopro de Deus, cerebros que a luz divina do genio esclarecia, e que o vinho enchia de vapores e a sociedade de escarneos? Enchei as taças até à borda! enchei-as e bebei; bebei à lembrança do cerebro que

ardeu nesse craneo, da alma que ahi habitou, do poeta-louco—Werner! e eu bradarei ainda uma vez:—miseria e loucura!

O velho esvasiou o copo e saiu. Bertram continuou a sua historia.

— Eu vos dizia que ia passar-se uma cousa horrivel; não havia mais alimentos, e no homem despertava a voz do instincto, das entranhas que tinham fome, que pediam seu cevo, como o cão do matadouro, fosse embora sangue.

A fome! a sede!... tudo quanto ha de mais horrivel!...

Na verdade, senhores, o homem é uma creatura perfeita! Estatuario sublime, Deus esgotou no olhar desse marmore todo o seu esmero.

Prometheu divino, encheu-lhe o craneo protuberante da luz do genio. Ergueu-o pela mão, mostrou-lhe o mundo do alto da montanha, como Satan quarenta seculos depois o fez a Christo, e disse-lhe: Vê, tudo isso é bello—valles e montes, aguas do mar que espumam, folhas das florestas que tremem e sussurram como as azas dos meus anjos—tudo isso é teu. Fiz-te o mundo bello no véo purpureo do crepusculo, dourei-t'o aos raios de minha face.

Eil-o, o rei da terra! banha a fronte olympica nessas brisas, nesse orvalho, na espuma dessas cataractas. Sonha como a noite, canta como os anjos, dorme entre as flores! Olha! entre as folhas floridas do valle dorme uma creatura branca como o véo das minhas virgens, loura como o reflexo das minhas nuvens, harmoniosa como as aragens do céo nos arvoredos da terra.—E' tua: accorda-a: ama-a e ella te amará; no seio della,

nas ondas daquelle cabello, afoga-te como o sol entre vapores. Rei no peito della, rei na terra, vive de amor e crença, de poesia e de belleza,—levanta-te, vai e serás feliz !

Tudo isso é bello, sim ; mas é a ironia mais amarga, a decepção mais arida de todas as irenias e de todas as decepções. Tudo isso se apaga deante de dois factos muito prosaicos—a fome e a sede !

O genio, aguia altiva que se perde nas nuvens ; que se aquece no effluvio da luz mais ardente do sol—cair assim com as azas torpes e verminosas no lodo das charnecas ! Poeta, porque no meio do arroubo mais sublime do espirito, uma voz sarcástica e mephistophelica te brada : meu Faust, illusões ! a realidade é a materia. Deus escreveu — Aváyny—na fronte de sua creatura ! D. Juan ! porque choras a esse beijo morno de Haydéa que desmaia-te nos braços ! a prostituta vender-t'os-á amanhã mais queimadores !... Miséria !... E dizer que tudo o que ha de mais divino no homem, de mais santo e perfumado na alma, se infunde no lodo da realidade, se revolve no charco e acha ainda uma convulsão infame para dizer—sou feliz !...

Isto tudo, senhores, para dizer-vos uma cousa muito simples... um facto velho e batido, uma pratica do mar, uma lei do naufragio—a anthropophagia.

Dois dias depois de acabados os alimentos restavam tres pessoas : eu, o commandante e ella—eram tres figuras macilentas como o cadaver, cujos peitos nus arquejavam com a agonia, cujos

olhares fundos, e sombrios se injectavam de sangue como a loucura.

O uso do mar — não quero dizer a voz da natureza physica, o brado do egoismo do homem — manda a morte de um para a vida de todos. Tiramos a sorte — o commandante teve por lei morrer.

Então o instincto da vida se lhe despertou ainda. Por um dia mais de existencia, mais um dia de fome e sede, de leito humido e varrido pelos ventos frios do norte, mais umas horas mortas de blasphemias e de agonias, de esperança e desespero, de orações e descrença, de febre e de ancia, o homem ajoelhou, chorou, gemeu a meus pés . . .

— Olhai, dizia o miseravel, esperemos até amanhã . . . Deus terá compaixão de nós . . . Por vossa mãe, pelas entranhas de vossa mãe ! por Deus, se elle existe ! deixai, deixai-me ainda viver !

Oh ! a esperança é como uma parasita que morde e despedaça o tronco, e quando elle cai, quando morre e apodrece, ainda o aperta em seus convulsos braços ! Esperar ! quando o vento do mar açouta as ondas, quando a espuma do oceano vos lava o corpo livido e nú, e quando o horisonte é deserto e sem termo, e as velas que branqueiam ao longe parecem fugir ! Pobre louco !

Eu ri-me do velho. Tinha as entranhas em fogo.

Morrer hoje, amanhã, ou depois — tudo me era indifferente; mas hoje eu tinha fome, e ri-me por que tinha fome.

O velho lembrou-me que me acolhera a seu bordo por piedade de mim, lembrou-me que me amava, e uma torrente de soluços e lagrimas afogava o bravo que nunca empallidecera deante da morte.

Parece que a morte no oceano é terrível para os outros homens; quando o sangue lhes salpica as faces, lhes ensopa as mãos, correm á morte como um rio ao mar, como a cascavel ao fogo. Mas assim, no deserto, nas aguas, elles temem-na, tremem deante dessa caveira fria da morte!

Eu ri-me porque tinha fome.

Então o homem ergueu-se. A furia se levantou nelle como a ultima agonia. Apertou-me nos seus braços amarellentos, e luctamos ambos corpo a corpo, peito a peito, pé por pé, por um dia de miseria!

A lua amarellada erguia sua face desbotada, como uma meretriz cançada de uma noite de devassidão — do céu escuro parecia zombar desses moribundos que luctavam por uma hora de agonia...

O valente do combate desfalecia — caiu; puz-lhe o pé na garganta, suffoquei-o... e expirou...

Não cubrais o rosto com as mãos — fariéis o mesmo...

Aquelle cadaver foi nosso alimento dois dias...

Depois, as aves do mar já baixavam para partilhar minha presa; e ás minhas noites fastiantas uma sombra vinha reclamar sua ração de carne humana...

Lancei os restos ao mar...

Eu e a mulher do commandante passamos um dia, dois, sem comer nem beber. . .

Então ella me propoz morrer commigo. Eu disse-lhe que sim. Esse dia foi a ultima agonia do amor que nos queimava—gastamol-o em convulsões para sentir ainda o mel fresco da voluptuosidade banhar-nos os labios. . . Era o goso febril que podem ter duas creaturas em delirio de morte. Quando me soltei dos braços della a fraqueza a fazia desvairar. O delirio tornava-se mais longo : debruçava-se nas ondas e bebia a aguasalgada, e offerecia-m'a nas mãos pallidas, dizendo que era vinho. As gargalhadas frias vinham mais de entuviada. . .

Estava louca.

Não dormi -- não podia dormir ; uma modorra ardente me fervia nas palpebras ; o halito de meu peito parecia fogo ; meus labios seccos e estalados apenas se orvalhavam de sangue.

Tinha febre no cerebro—e meu estomago tinha fome.

Tinha fome como a féra.

Apertei-a nos meus braços, opprimi-lhe nos beiços a minha bocca em fogo : suffoquei-a. Ella era ainda tão bella !

Não sei que delirio extranho se apoderou de mim.

Uma vertigem me rodeava. O mar parecia rir de mim, e rodava em torno, espumante e esverdeado, como um sorvedouro. As nuvens pairavam correndo e pareciam filtrar sangue negro. O vento que passava em seus cabellos murmurava uma lembrança. . .

De repente senti-me só. Uma onda me arre-

batara o cadaver. Eu a vi boiar pallida como suas roupas brancas, semi-nua, com os cabellos banhados de agua; eu vi-a erguer-se na espuma das vagas, desaparecer e boiar de novo; depois não a distingui mais—era como a espuma das vagas, como um lençol lançado nas aguas...

Quantas horas, quantos dias passei naquella modorra, nem o sei... Quando accordei desse pesadelo de homem desperto, estava a bordo de um navio.

Era o brigue inglez *Swallow*, que me salvara...

Olá! taverneira, bastarda de Satan! não vês que tenho sede, e as garrafas estão seccas, seccas como tuas faces e como nossas gargantas?

IV

Gennaro

— Gennaro, dormes, ou embebes-te no sabor do ultimo trago do vinho, da ultima fumaça do teu cachimbo?

— Não: quando contavas tua historia, lembrava-me uma folha da vida, folha secca e avermelhada como as do outomno, e que o vento varreu.

— Uma historia?

— Sim: é uma das minhas historias. Sabes, Bertram, eu sou pintor; é uma lembrança triste essa que vou revelar, porque é a historia de um velho e duas mulheres, bellas como duas visões de luz.

Godofredo Walsh era um desses velhos subli-

mes, em cujas cabeças as cans semelham o diadema prateado do genio. Velho já, casara em segundas nupcias com uma belleza de vinte annos. Godofredo era pintor: diziam uns que este casamento fôra um amor artistico por aquella belleza romana, como que feita ao molde das bellezas antigas; outros criam-n'o compaixão pela pobre moça, que vivia de servir de modelo. O facto é que elle lhe queria como filha, como a Laura, a filha unica de seu primeiro casamento,—Laura, corada como uma rosa e louira como um anjo.

Eu era nesse tempo moço; era aprendiz de pintura em casa de Godofredo. Eu era lindo então—que trinta annos lá vão, e ainda os cabellos e as faces me não haviam desbotado como nestes longos quarenta e dois annos de vida! Eu era aquelle typo de mancebo ainda puro do resumbrar infantil, pensativo e melancolico como o Raphael se retratou no quadro da galeria Barberini. Eu tinha quasi a idade da mulher do mestre.—Nauza tinha vinte, e eu tinha dezoito annos.

Amei-a: mas o meu amor era puro como os meus sonhos de dezoito annos. Nauza tambem me amava: era um sentir tão puro! era uma emoção solitaria e perfumosa como as primaveras cheias de flores e de brisas que nos embalavam aos céos da Italia.

Como eu o disse, o mestre tinha uma filha chamada Laura. Era uma moça pallida, de cabellos castanhos e olhos azulados; sua tez era branca, só ás vezes, quando o pejo a incendia, duas rosas lhe avermelhavam a face e se lhe destacavam no fundo de marmore. Laura parecia

querer-me como a um irmão. Seus risos, seus beijos de creança de quinze annos, eram só para mim. A' noite, quando eu ia deitar-me, ao passar pelo corredor escuro com a minha lâmpada, uma sombra me apagava a luz e um beijo me pousava nas faces, nas trevas.

Muitas noites foi assim.

Uma manhã, eu dormia ainda, o mestre saíra e Nauza fôra á igreja; quando Laura entrou no meu quarto, fechou a porta e deitou-se a meu lado. Accordei nos braços della.

O fogo de meus dezoito annos, a primavera virginal de uma belleza ainda innocente, o seio semi-nú de uma donzella a bater sobre o meu; isso tudo ao despertar dos sonhos alvos da madrugada, me enlouqueceu...

Todas as manhãs Laura vinha ao meu quarto...

Tres mezes passaram assim. Um dia entrou ella no meu quarto e disse-me:

— Gennaro, estou deshonrada para sempre... A principio eu quiz-me illudir; já não o posso, estou de esperanças...

Um raio que me caísse aos pés não me assustaria tanto.

— E' preciso que cases commigo, que me peças a meu pae, ouves Gennaro?

Eu calei-me.

— Não me amas, então?

Calei-me ainda.

— Oh! Gennaro, Gennaro!

E caiu no meu hombro, desfeita em soluços. Carreguei-a assim fria e fora de si para seu quarto.

Nunca mais tornou a falar-me em casamento.

Que havia eu de fazer? Contar tudo ao pae e pedil-a em casamento? Fôra uma loucura; elle me mataria e a ella, ou pelo menos me expulsaria de sua casa... E Nauza? cada vez eu a amava mais. Era uma lucta terrivel essa que se travava entre o dever, o amor e o remorso.

Laura não me falara mais. Seu sorriso era frio; cada dia tornava-se mais pallida; mas a gravidez não crescia, antes mais nenhum signal se lhe notava...

O velho levava as noites passeando no escuro. Já não pintava. Vendo a filha que morria aos sons secretos de uma harmonia de morte, que empallidecia cada vez mais, o miserimo arrancava as cans.

Eu comtudo não esquecera Nauza, nem ella se esquecia de mim. Meu amor era sempre o mesmo; eram sempre noites de esperanças e de sede que me banhavam de lagrimas o travesseiro. Só ás vezes a sombra de um remorso me pesava; mas a imagem della dissipava todas essas nevoas...

Uma noite... foi horrivel... vieram chamar-me; Laura morria. Na febre murmurava meu nome e palavras que ninguem podia reter; tão apressadas e confusas lhe soavam. Entrei no quarto della. A doente conheceu-me. Ergueu-se branca, com a face humida de um suor copioso; chamou-me. Sentei-me junto do leito della. Aperitou minha mão nas suas mãos frias e murmurou em meus ouvidos :

— Gennaro, eu te perdôo; eu te perdôo tudo... Eras um infame... Morrerei... Fui uma louca... Morrerei... por tua causa... teu fi-

lho... o meu... vou vel-o ainda... mas no céo... meu filho que matei... antes de nascer...

Deu um grito; estendeu convulsivamente os braços como para repellir uma idéa, passou a mão pelos labios como para enxugar as ultimas gottas de uma bebida, estorceu-se no leito, livida, fria, banhada de suor gelado e arquejou... Era o ultimo suspiro.

Um anno todo se passou assim para mim. O velho parecia endoidecido. Todas as noites fechava-se no quarto onde morrera Laura. Levava ahi a noite toda em solidão. Dormia? ah que não! Longas horas eu o escutei no silencio arfar com ancia, outras vezes afogar-se em soluços. Depois tudo emmudecia; o silencio durava horas; o quarto era escuro; e depois as passadas pesadas do mestre ouviam-se pelo quarto, mas vacillantes como as de um bebado que cambaleia.

Uma noite eu disse a Nauza que a amava; ajoelhei-me junto della, beijei-lhe as mãos, reguei seu collo de lagrimas; ella voltou-me a face; eu cri que era desdem, ergui-me:

— Então, Nauza, tu não me amas? disse eu.

Ella permanecia com o rosto voltado.

— Adeus, pois; perdoia-me se vos offendi: meu amor é uma loucura, minha vida é uma desesperança, — o que me resta? Adeus, irei longe, longe daqui... talvez então eu possa chorar sem remorso.

Tomei-lhe a mão e beijei-a.

Ella deixou sua mão nos meus labios.

Quando ergui a cabeça, eu a vi: ella estava debulhada em lagrimas.

— Nauza! Nauza! uma palavra! tu amas-me?

Tudo o mais foi um sonho. A lua passava entre os vidros de uma janella aberta e batia nella: nunca eu a vira tão pura e divina!

E as noites que o mestre passava soluçando no leito vasio de sua filha, eu as passava no leito delle, nos braços de Nauza.

Uma noite houve um facto pasmoso.

O mestre veio ao leito de Nauza. Gemia e chorava aquella voz cavernosa e rouca; tomou-me pelo braço com força, accordou-me, e levou-me de rastos ao quarto de Laura...

Atirou-me ao chão, e fechou a porta. Uma lampada estava accesa no quarto, defronte de um painel. Ergueu o lençol que o cobria. Era Laura moribunda. E eu, macilento como ella, tremia como um condemnado. A moça, com seus labios pallidos, murmurava no meu ouvido...

Eu tremi de ver meu semblante tão livido na tela, e lembrei-me que naquelle dia, ao sair do quarto da morta, no espelho della, que estava ainda pendurado á janella, eu me horrorisara de ver-me cadaverico...

Um tremor, um calafrio, se apoderou de mim. Ajoelhei-me e chorei lagrimas ardentes. Confessei tudo; parecia-me que era ella quem o mandava, que era Laura que se erguia dentre os lençoes do seu leito e me accendia o remorso e no remorso me rasgava o peito.

Por Deus! que foi uma agonia!

No outro dia o mestre conversou commigo friamente.

Lamentou a falta de sua filha ; mas sem uma lagrima.

Mas sobre o passado da noite, nem palavra.

Todas as noites era a mesma tortura, todos os dias a mesma frieza.

O mestre era somnambulo...

E pois, eu não me cri perdido...

Comtudo, lembrei-me que uma noite, quando eu saía do quarto de Laura com o mestre, no escuro, vira uma roupa branca passar-me por perto, roçarem-me uns cabellos soltos, e nas lages do corredor estalarem umas passadas timidas de pés nús...

Era Náuza, que tudo vira e tudo ouvira, que accordara e sentira a minha falta no leito, que ouvira esses soluços e gemidos, e correrá para ver.

.

Uma noite, depois da ceia, o mestre Walsh tomou sua capa e uma lanterna, e chamou-me para acompanhal-o.

Tinha de sair fora da cidade e não queria ir só. Saimos juntos. A noite era escura e fria, o outomno desfolhara as arvores, e os primeiros sopros do inverno rugiam nas folhas seccas do chão. Caminhamos juntos muito tempo, e cada vez mais nos entranhavamos pelas montanhas e cada vez o caminho era mais solitario. O velho parou. Era na fralda de uma montanha. A' direita o rochedo abria-se num trilho; á esquerda, as pedras, soltas por nossos pés a cada passada, se

despegavam e rolavam pelo despenhadeiro, e instantes depois ouvia-se um som como de agua onde cai um peso. . .

A noite era escurissima. Apenas a lanterna allumiava o caminho tortuoso que seguiamos. O velho lançou os olhos na escuridão do abysmo e riu-se.

— Espera-me ahi, disse elle; já venho.

Godofredo tomou a lanterna e seguiu para o cume da montanha. Eu sentei-me no caminho á sua espera, vi aquella luz ora perder-se, ora reaparecer entre o arvoredado, nos zigue-zagues do caminho. Por fim vi-o parar. O velho bateu á porta de uma cabana, a porta abriu-se. Entrou. O que ahi se passou nem eu o sei. Quando a porta se abriu de novo, uma mulher livida e desgredada appareceu com um facho na mão.

A porta fechou-se. Alguns minutos depois o mestre estava commigo.

O velho assentou a lanterna num rochedo, despiu a capa, e disse-me :

— Gennaro, quero contar-te uma historia. E' um crime : quero que sejas juiz delle.

Um velho era casado com uma moça bella. De outras nupcias tinha uma filha bella tambem. Um aprendiz, um miseravel que elle erguera da poeira, como o vento ás vezes ergue uma folha, mas que elle podia reduzir a ella quando quizesse. . .

Eu estremeci, os olhares do velho pareciam ferir-me.

— Nunca ouviste essa historia, meu bom Gennaro ?

— Nunca, disse eu a custo e tremendo.

— Pois bem ; esse infame deshonrou o pobre velho, traiu-o como Judas a Christo.

— Mestre, perdão !

— Perdão ! e perdoou o malvado ao pobre coração do velho ?

— Piedade !

— E teve elle dó da virgem, da deshonrada, da infanticida ?

— Ah ! gritei.

— Que tens ? conheces o criminoso ?

A voz de escarneo delle me abafava.

— Vês pois, Gennaro, disse elle mudando de tom ; se houvesse um castigo peor que a morte, eu t'o daria. Olha esse despenhadeiro ! E' medonho ! se o visses de dia, teus olhos se escureceriam, e ahí rolarias talvez de vertigem ! E' um tumulto seguro—e guardará o segredo, como um peito o punhal. Só os corvos irão lá ver-te, só os corvos e os vermes. E pois, se tens ainda no coração maldicto um remorso, reza a tua ultima oração, mas que seja breve: o algoz espera a victima, a hyena tem fome do cadaver . . .

Eu estava alli pendente junto á morte. Tinha só a escolher o suicidio ou ser assassinado. Matar o velho era impossivel. Uma lucta entre mim e elle fôra insana. Elle era robusto, a sua estatura alta, os seus braços musculosos me quebrariam, como o vendaval rebenta um ramo secco. Demais, elle estava armado. Eu era uma creança debil, ao meu primeiro passo, elle me arrojaría da pedra em cujas bordas eu estava. . . só me restaria morrer com elle, arrastal-o na minha queda. Mas para que ?

Eu curvei-me no abysmo : tudo era negro, o

vento lá gemia em baixo, nos ramos desnudados, nas urzes, nos espinhaes resequidos, e a torrente lá chocalhava no fundo, espumando nas pedras.

Eu tive medo.

Orações, ameaças, tudo seria debalde.

Estou prompto, disse.

O velho riu-se : infernal era aquelle rir dos seus labios estalados de febre. Só vi aquelle riso... Depois foi uma vertigem... o ar que soffocava, um peso que me arrastava, como naquelles pesadellos em que se cai de uma torre e se fica preso ainda pela mão ; mas a mão cança, fraqueia, sua, esfria... Era horrivel ; ramo a ramo, folha por folha, os arbustos me estalavam nas mãos, as raizes seccas que saiam pelo despeñadeiro, estalavam sob meu peso, e meu peito sangrava nos espinhaes. A queda era muito rapida... de repente não senti mais nada... Quando accordei estava junto a uma cabana de camponezes, que me tinham apanhado junto da torrente, preso nos ramos de uma azinheira gigantesca que ensombrava o rio.

Era depois de um dia e uma noite de delirios que eu accordara. Logo que sarei, uma idéa me veio ; ir ter com o mestre. Ao vêr-me salvo assim daquella morte horrivel, pôde ser que se apiedasse de mim, que me perdoasse, e então eu seria seu escravo, seu cão, tudo o que houvesse de mais abjecto num homem que se humilha — tudo ! — com tanto que elle me perdoasse. Viver com aquelle remorso me parecia impossivel. Parti, pois ; no caminho topei um punhal. Ergui-o : era o do mestre. Veio-me então uma idéa

de vingança e de soberba. Elle quizera matar-me, elle tinha rido á minha agonia, e eu havia de ir chorar-lhe ainda aos pés, para elle repellir-me ainda, cuspir-me nas faces, e amanhã procurar outra vingança mais segura? Eu humilhar-me, quando elle me tinha abatido! Os cabellos se me arrepiaram na cabeça e o suor frio me rolava pelo rosto.

Quando cheguei á casa do mestre achei-a fechada.

Bati — não abriram. O jardim da casa dava para a rua; saltei o muro, tudo estava deserto, e as portas que davam para elle estavam tambem fechadas. Uma dellas era fraca, com pouco esforço arrombei-a. Ao estrondo da porta que caiu, só o echo respondeu nas salas. Todas as janellas estavam fechadas: e comtudo era dia claro fora. Tudo estava escuro, nem uma lamparina accesa. Caminhei tacteando até á sala do pintor. Cheguei lá, abri as janellas, e a luz do dia derramou-se na sala deserta. Cheguei então ao quarto de Nauza, abri a porta, e um bafo pestilento corria dahi. O raio da luz bateu em uma mesa. Junto estava uma forma de mulher, com a face na mesa, e os cabellos caídos; atirado numa poltrona um vulto coberto com um capote. Entre elles um copo onde se depositara um residuo polvilhento. Ao pé estava um frasco vazio. Depois eu o soube — a velha da cabana era uma mulher que vendia veneno. Era ella de certo que o vendera, porque o pó branco do copo parecia sel-o.

Ergui os cabellos da mulher, levantei-lhe a cabeça... Era Nauza, mas Nauza cadaver, já

desbotada pela podridão. Não era aquella estatu alvissima de outr'ora, as faces macias e o collo de neve... era um corpo amarello...

Levantei uma ponta da capa do outro ; o corpo caiu de bruços com a cabeça para baixo, resouo no pavimento o estalo do craneo... Era o velho, morto tambem, roxo e apodrecido ; eu o vi. Da bocca lhe escorria uma espuma esverdeada.

.

V

Claudius Hermann

... Extacy!
My guise as yours doth temperately keep time
And makes a healthful music: It is not madness
That I have utter'd.

SHAKSPEARE, (Hamlet).

—E tu, Hermann ! Chegou a tua vez. Um por um evocamos ao cemiterio do passado um cadaver. Um por um erguemos-lhe o sudario para mostrar-lhe uma nodoa de sangue. Fala, que chegou tua vez.

—Claudius sonha algum soneto ao geito do Petrarca, alguma aureola de pureza, como a dos espiritos puros da Missiada ! disse entre uma fumaça e uma gargalhada Johann, erguendo a cabeça da mesa.

— Pois bem ! quereis uma historia ? Eu pudera contal-as, como vós, loucuras de noites de orgia ; mas para que ? Fôra escarneo Fausto ir lembrar a Mephistopheles as horas de perdição que lidou com elle. Sabeis essas minhas nuvens do passado, lestes á farta o livro desbotado

de minha existencia libertina. Se o não lembrasseis, a primeira mulher das ruas pudera contal-o. Nessa torrente negra que se chama a vida, e que corre para o passado, enquanto nós caminhamos para o futuro; tambem desfolhei muitas crenças, e lancei despidasas minhas roupas mais perfumadas para trajar a tunica da saturnal! O passado é o que foi, é a flor que murchou, o sol que se apagou, o cadaver que apodreceu. Lagrimas a elle? fôra loucura! Que durma com suas lembranças negras! revivam, accordem apenas os myosotis abertos naquelle pantano! sobreague naquelle não-ser o effluvio de alguma lembrança pura!

— Bravo! Bravissimo! Claudius, estás completamente bebado! bofé que estás romantico!

— Silencio, Bertram! certo que esta não é uma lenda para inscrever-se após das vossas; uma dessas cousas que se contem com os cotovelos na toalha vermelha, e os labios burrifados de vinho e saciados de beijos.

Mas que importa?

Vós todos, que amais o jogo, que vistes um dia correr naquelle abysmo uma onda de ouro e redemoinhar-lhe no fundo, como um mar de esperança que se embate na resaca do acaso, sabeis melhor que vertigem nos tontêa então; ideail-a melhor a loucura que nos delira naquelles jogos de milhares de homens, ou de fortuna; aspirações, a vida mesma vão-se na rapidez de uma corrida, ou de todo esse complexo de misérias e desejos, de crimes e virtudes que se chama a existencia, se joga numa parelha de cavallos!

Apostei como homem a quem não doêra em-

pobrecer. O luxo tambem sacia, e é essa uma saciedade terrivel ! para ella nada basta ; nem as dansas do Oriente, nem as lupercaes romanas, nem os incendios de uma cidade inteira lhe alimentariam a seiva de morte, essa *vitalidade do veneno* de que fala Byron. Meu lance no *turf* foi minha fortuna inteira. Eu era rico, muito rico então ; em Londres ninguem ostentava mais dispendiosas devassidões ; nenhum nababo numa noite esperdiçava sommas como eu. O suor de tres gerações derramava-o eu no leito das perdidas e no chão das minhas orgias . . .

No instante em que as corridas iam começar, em que todos sentiam-se febris de impaciencia, um murmurio correu pelas multidões, um sorriso, e depois eram as frentes que se expandiam, e depois uma mulher passou a cavallo.

Visseil-a como eu, no cavallo negro, com as roupas de velludo, as faces vivas, o olhar ardente entre o desdém dos cilijs, transluzindo a rainha em todo aquelle ademan soberbo ; visseil-a bella na sua belleza plastica e harmonica, linda nas cores puras e assetinadas, nos cabellos negros, e a tez branca da frente ; o oval das faces coradas, o fogo de nacar dos labios finos, o esmero do collo resaltando nas roupas de amazona ; visseil-a assim, e á fé, senhores, que não havieis rir de escarneo, como rides agora !

— Romantismo ! debes estar muito ebrio, Claudius, para que nós teus labios seccos de Lovelace, e na tua insensibilidade de D. Juan, venha a poesia ainda pousar-te um beijo !

— Ride, sim ! miserrimos ! que não comprehendeis o que por ventura vai de incendio por

aquelles labios de Lovelace, e como arqueja o amor sob as roupas gottejantes de chuva de D. Juan o libertino! Insanos, que nunca sonhastes Lovelace sem sua mascara, talvez chorando Clarisse Harlowe, pobre anjo cujas azas brancas ella ia desbotar... maldizendo esta fatalidade que faz do amor uma infamia e um crime! Mil vezes insanos, que nunca sonhastes o hespanhol accordando no lupanar, passando a mão pela fronte e rugindo de remorso e saudade ao lembrar tantas visões alvas do passado!

— Brabo! bravo!

— Poesia! poesia! murmurou Bertram.

— Poesia! porque pronunciar á virgem casta o nome santo como um mysterio, no lodo escuro da taverna? Porque lembral-a, a estrella do amor, á luz do lampeão da crapula? Poesia! sabeis o que é a poesia?

— Meio cento de palavras sonoras e vãs que um pugillo de homens pallidos entende, uma escada de sons e harmonias que áquellas almas loucas parecem idéas, e lhes despertam illusões como a lua as sombras... Isso no que se chama os poetas. Agora, no ideal, na mulher, o resai-bo do ultimo romance, o delirio e a paixão da ultima heroína de novella, e o presente incerto e vago de um goso mystico, pelo qual a virgem se morre de volupia, sem saber porque...

— Silencio, Bertram! teu cerebro queimaram-t'o os vinhos, como a lava de um vulcão as relvas e flores da campina. Silencio! és como essas plantas que nascem e mergulham-se no mar morto; cobre-as uma crystallisação calca-rea, enfezam-se e mirram. A poesia, eu t'o direi

tambem por minha vez, é o vôo das aves da manhã no banho morno das nuvens vermelhas da madrugada; é o cervo que se rola no orvalho da montanha relvosa, que se esquece da morte de amanhã, da agonia de hontem, em seu leito de flores!

— Basta, Claudius; que isso que ahi dizes ninguem o entende; são palavras, palavras e palavras, como o disse o Hamleto; e tudo isso é inanido e vasio como uma caveira secca, mentiroso como os vapores infectos da terra que o sol no crepusculo iria de mil cores, e que se chamam nuvens, ou essa fada zombadora e nevoenta que se chama a poesia!

— A' historia! á historia! Claudius; não vês que essa discussão nos faz bocejar de tedio?

— Pois bem, contarei o resto da historia:

No fim desse dia, eu tinha dobrado minha fortuna. No dia seguinte, eu a vi: era no theatro. Não sei o que representaram, não sei o que ouvi, nem o que vi; sei só que lá estava uma mulher — bella como tudo quanto passa mais puro á concepção do estatuario. Essa mulher era a duqueza Eleonora... No outro dia via-a num baile... Depois... Fôra longo dizervol-o: seis mezes! concebeil-o? seis mezes de agonia e desejo anhelante; seis mezes de amor com a sede da fera! seis mezes; como foram longos!

Um dia achei que era demais. Todo esse tempo havia passado em contemplação, em vel-a, amal-a e sonhal-a; apertei minhas mãos jurando que isso iria além, que era muito esperar em vão, e que se ella não viera como Gulnare aos pés do Corsario, a elle cabia ir ter com ella.

Uma noite, tudo dormia no palacio do duque. A duqueza, cançada do baile, adormecera num divan. A lampada de alabastro estremecia-lhe sua luz dourada na testa pallida. Parecia uma fada que dormia ao luar...

O reposteiro do quarto agitou-se: um homem ahi estava parado, absorto. Tinha a cabeça tão quente e febril e elle a repousava no portal. A fraqueza era cobarde; e demais, esse homem comprara uma chave e uma hora á infamia venal de um criado. Esse homem jurara que nessa noite gosaria aquella mulher; fosse embora veneno, elle beberia o mel daquella flor, o licor de escarlate daquella taça. Quanto a esses prejuizos de honra e adulterio, não riais delles, não que elle ria disso. Amava, e queria; a sua vontade era como a folha de um punhal: ferir ou estalar.

Na mesa havia um copo e um frasco de vinho: encheu o copo, era vinho hespanhol...

Chegou-se a ella, ergueu-a com suas roupas de velludo desatadas, seus cabellos meio soltos ainda entremeados de pedrarias e flores, seus seios meio-nus, onde os diamantes brilhavam como gottas de orvalho; ergueu-a nos braços, deu-lhe um beijo. Ao calor daquelle beijo, seminua, ella accordou; entre os vagos sonhos se lhe perdia uma illusão talvez; murmurou «amor!» e com os olhos entreabertos deixou cair a cabeça e adormeceu de novo.

O homem tirou do seio um frasquinho de esmeralda. Levou o aos labios entreabertos della; verteu-lhe algumas gottas que ella absorveu sem

sentil-as. Deitou-a e esperou. Dahi a instantes o somno della era profundissimo. . .

A bebida era um narcotico onde se misturavam algumas gottas daquelles licores excitantes que accordam a febre nas faces e o desejo voluptuoso no seio.

O homem estava de joelhos; o seu peito tremia; e elle estava pallido como após uma longa noite sensual. Tudo parecia vacillar-lhe em torno. . . ella estava nua; nem velludo, nem véo leve a encobria. O homem ergueu-se, e affastou o cortinado.

A lampada brilhou com mais força, e apagou-se. . . O homem era Claudius Hermann. . .

Quando me levantei, embucei-me na capa e saí pelas ruas. Queria ir ter ao meu palacio, mas estava tonto como um ebrio. Titubiava e o chão era lubrico como para quem desmaia.

Uma idéa comtudo me perseguia. Depois daquelle mulher nada houvera mais para mim.

Quem uma vez bebeu o succo das uvas purpuras do paraiso, nunca mais deve inebriar-se do nectar da terra. . . Quando o mel se esgotasse, o que restava a não ser o suicidio ?

Uma semana se passou assim; todas as noites eu bebia nos labios á dormida um seculo de goso. Um mez! o mez em que delirantes iam os bailes do entrudo, em que mais cheia de febre ella adormecia quente, com as faces em fogo.

Uma noite—era depois de um baile—eu esperei-a na alcova, escondido atraz do seu leito. No copo cheio d'agua que estava junto á sua cabe-

ceira, derramara as ultimas gottas de philtro, quando entrou ella com o duque.

Era elle um bello moço ! Antes de deixal-a, passou-lhe as duas mãos pelas fontes e deu-lhe um beijo. Embevecido daquelle beijo, o anjo pendeu a cabeça no hombro d'elle, e enlaçou-o com seus braços nus, reluzentes das pulseiras de pedraria.

O duque teve sede, pegou no copo da duqueza e bebeu algumas gottas; ella tomou-lhe o copo e bebeu o resto. Eu os vi assim : aquelle esposo ainda tão moço, aquella mulher, ah ! e tão bella ! . . . de tez ainda virgem, e apertei o punhal . . .

— Virás hoje, Maffio ? disse ella.

— Sim minha alma.

Um beijo sussurrou, e afagou as duas almas. E eu na sombra sorri, porque sabia que elle não havia de vir.

.

Elle saiu. Ella começou a despir-se. Eu lh'as vi, uma por uma, cairem as roupas brilhantes, as flores e as joias; desataram-se-lhe as tranças luzidas e negras, e depois apparecia no véo branco do roupão transparente como as estatuas de nymphas a meio-nuas, com as formas desenhadas pela tunica repassada d'agua do banho.

O que vi, foi o que sonhara e muito, o que vós todos, pobres insanos, idealizastes um dia como a visão dos amores sobre o corpo da vendida. Eram os seios niveos e veitados de azul, tremulos de desejo, a cabeça perdida entre a chuva de cabellos negros, os labios arquejantes, o corpo todo palpitante. Era a languidez do desalinho, quando o

corpo da belleza mais se enche de belleza, e como uma rosa que abre molhada de sereno, mais se expande, mais patenteia suas cores.

O narcotico era fortissimo ; uma soffreguidão febril lhe abria os beiços, extenuada e languida, caida no leito, com as palpebras pallidas, os braços soltos e sem força, parecia beijar uma sombra.

.

Ergui-a do leito ; carreguei-a com suas roupas diaphanas, suas formas setinosas, os cabellos soltos humidos ainda de perfume, seus seios ainda quentes. . .

Corri com ella pelos corredores desertos ; passei pelo pateo ; a ultima porta estava cerrada : abri-a.

Na rua estava um carro de viagem, os cavallos nitriam e espumavam de impaciencia. Entrei com ella dentro do carro e partimos.

Era tempo. Uma hora depois amanhecia.

Breve estivemos fora da cidade.

A madrugada ahi vinha com seus vapores, seus rozaes borrifados de orvalho, suas nuvens avelludadas e as aguas salpicadas de ouro e vermelhidão. A natureza corava ao primeiro beijo do sol, como branca donzella ao primeiro beijo do nbiyo ; não como amante afanada de noite voluptuosa, como a pintou o paganismo ; antes como virgem accordada do somno infantil, meio ajoelhada ante Deus, que ora e murmura suas orações balsamicas ao céu que se azula, á terra que scintilla, ás aguãs que se douram. Essa madrugada baixava á terra como o bafo de Deus ; e entre aquella luz e aquelle ar fresco a duquezador-

mia, pallida como os somnos daquellas creaturas mysticas das illuminuras da idade media; bella como a Venus dormida de Ticiano, e voluptuosa como uma das amasias de Veroneso.

Beijei-a: eu senti a vida que se me evaporava nos seus labios. Ella—sobresaltou-se, entre-abriu os olhos; mas o peso do somno ainda a acabrunhava, e as palpebras descoradas se fecharam...

A carruagem corria sempre.

.

O sol estava a prumo no céu; era meio dia; o calor abafava; pela frente, pelas faces, pelo collo da duqueza rolayam gottas de suor como aljofares de um collar roto... Paramos numa estalagem: lancei-lhe sobre a face um véo, tomei-a nos meus braços e levei-a a um aposento.

Ella devia ser muito bella assim! os criados paravam nos corredores; era assombro de tanta belleza, mais ainda que curiosidade indiscreta.

A dona da casa chegou-se a mim:

— Senhor, vossa esposa ou irmã, quem quer que ella seja, de certo precisará de uma creada que a sirva...

— Deixai-me; ella dorme.

Foi essa a minha unica resposta.

Deitei-a no leito, corri os cortinados, cerrei as janellas para que a luz lhe não turbasse o somno. Não havia alli ninguem que nos visse; estavamos sós, o homem e seu anjo, e a creatura da terra ajoelhou-se ao pé do leito da creatura do céu.

Não sei quanto tempo correu assim : não sei se dormia, mas sei que sonhava muito amor e muita esperança ; não sei se velava, mas eu a via sempre ali, eu lhe contemplava cada movimento gracioso do dormir : eu estremecia a cada alento que lhe tremia os seios, e tudo me parecia um sonho ; um desses sonhos a que a alma se abandona como um cysne, que modorra ao som das aguas . . . não sei quanto tempo correu assim ; só sei que o meu deliquio quebrou-se. A duqueza estava sentada sobre o leito : com os braços nus affastava as ondas do cabello solto que lhe cobria o rosto e o collo.

— E' um sonho? murmurou. Onde estou? quem é este homem encostado em meu leito.

O homem não respondeu.

Ella desceu da cama ; seu primeiro impulso foi o pudor ; quiz encobrir com as mãosinhas os seios palpitantes de susto. Sentiu-se quasi nua, exposta ás vistas de um estranho, e tremia como contam os poetas que tremera Diana ao ver-se exposta no banho, nua, ás vistas de Acteon.

— Senhor, dissei-me por compaixão se tudo isto não é uma illusão . . . se não fôra uma infamia ! Nem quero pensal-o. Maffio não deve tardar ; não é assim ? o meu Maffio ! Tudo isso é uma comedia . . . Mas que alcova é esta ? Eu adormeci no palacio . . . como despertei numa sala desconhecida ? dissei tudo, dissei, tudo isto é um brinquedo de Maffio ? quer rir-se de mim ? Mas, vede, eu tremo, tenho medo.

O homem não respondia ; tinha os olhos a fito naquella forma divina ; seria a estatua da paixão

na palidez, no olhar immovel, nos labios sedentos, se o arfar do peito lhe não denunciasse a vida.

Ella ajoelhou-se; nem sei o que ella dizia. Não sei que palavras se evaporavam daquelles labios; eram perfumes, porque as rosas do céu só têm perfumes; eram harmonias, porque as harpas do céu só têm harmonias; e o labio da mulher bella é uma rosa divina, e seu coração é uma harpa do céu. Eu a escutava, mas não a entendia; sentia só que aquellas falas eram muito doces, que aquella voz tinha um talisman irresistivel para minh'alma, porque só nos meus sonhos de infante que se illude de amores, uma voz assim me passara. Os gemidos de duas virgens abraçadas no céu, douradas da luz da face de Deus, empallididas pelos beijos mais puros, pelo tremuloso dos abraços mais palpitantes, não seriam tão suaves assim!

A moça chorava, soluçava; por fim ella ergueu-se. Eu a vi correr á janella, ia abril-á... Eu corri a ella e tomei-a pelas mãos...

— Pois bem, disse ella, eu gritarei... se não for um deserto, se alguém passar por aqui... talvez me acudam... soccor...

Eu tapei-lhe a bocca com as mãos...

— Silencio, senhora!

Ella luctava para livrar-se de minhas mãos; por fim sentiu-se enfraquecida.

Eu soltei-a, com pena delta.

— Então disse-me onde estou, disse-me, ou eu chamarei por soccorro...

— Não gritareis, senhora!

— Por compaixão, então esclareçei-me nesta

duvida; porque tudo isso que eu vejo? Tudo o que penso, o que advinho, é muito horrivel!

— Escutai pois, disse-lhe eu. Havia uma mulher... era um anjo. Havia um homem que a amava, como as aguas amam a lua que as prata, como as aguias da montanha o sol que as fita, que as enche de luz e de amor. Nem sei quem elle era; ergueu-se um dia de uma vida de febre, esqueceu-a; e esqueceu o passado, deante de uns olhos transparentes de mulher, as manchas de sua historia, numa aurora de gosos, ondo se lhe desenhava a sombra desse anjo... Escutai: não o amaldiçoeis! Esse homem tinha muita infamia no passado; profanara a sua mocidade, prostituir-a como a borboleta de ouro a sua geração, lançando-a no lodo; frio, sem crenças nem esperanças, abafara uma por uma suas illusões, como a infanticida seus filhos... Deus o tinha amaldiçoado talvez! ou elle mesmo se amaldiçoara... Esquecera que era homem, e tinha no seu peito harmonias santas como as do poeta... elle as esquecera, e ellas dormiam-lhe no mysterio como os suspiros nas cordas de uma guitarra abandonada. Esquecera que a natureza era bella e muito bella, que o leitodas flores da noite era rescendente, que a lua era a lampada dos amores, as aragens do valle, os perfumes do poeta no seu noivado com os anjos, e que a aurora tinha effluvios frescos, e com suas nuvens virginaes, suas folhas molhadas de orvalho, suas aguas nevoentadas, tinha encantos que só as almas puras entendem! tudo isso engeitou. esqueceu... para só o lembrar a furto e com escarneo nas horas suarentas da devassidão... Elle era muito infame!

— Mas tudo isso não me diz quem sois vós... nem porque estou aqui...

— Escutai: O libertino amou pois o anjo, voltou o rosto ao passado, despediu-se d'elle como de um manto impuro. Retemperou-se no fogo do sentimento, apurou-se na virgindade daquella visão, porque ella era bella como uma virgem, e reflectia essa luz virgem do espirito, nesse brilho d'alma divina que alumia as formas—que não é da terra, mas do céu. Ainda o tempo não eivara o coração do insano de uma lepra sem cura; nem sello inextinguivel lhe gravara na fronte—*impureza!* Deixou-se do viver que levava, desconheceu seus companheiros, suas amantes venaes, suas insomnias cheias de febre; quiz apagar todo o gosto da existencia, como o homem que perdeu uma fortuna inteira no jogo quer esquecer a realidade.

E o homem pôde esquecer tudo isto.

Mas elle não era ainda feliz. As noites passava-as em redor do palacio della; via-a ás vezes bella e descorada ao luar, no terraço deserto, ou distinguia suas formas na sombra que passava pelas cortinas das janellas abertas do seu quarto illuminado. Nos bailes seguia com olhares de inveja aquelle corpo que palpitava nas danças. No theatro, entre o arfar das ondas da harmonia, quando o extase boiava naquelle ambiente balsamico e luminoso, elle nada via senão ella—e só ella! E as horas de seu leito—suas horas de somno não, que mal as dormia—ás vezes eram de impaciencia e insomnia, outras vezes eram curtas de sonhos ardentes! O pobre

insano teve um dia uma idéa; era negra, sim, mas era a ventura.

O que fez, não sei, nem o sabereis nunca.

E depois bastante ebrio para vos sonhar, bastante louco para nos souhos de fogo de seu delirio imaginar gosar-vos, foi profano assás para roubar a um templo o ciborio d'ouro mais puro. Esse homem, tende compaixão dellé, que elle vos amará de joelhos... Oh! anjo, Eleonora...

— Meu Deus! meu Deus! porque tanta infamia, tanto lodo sobre mim? Oh! minha Madona! porque maldissestes minha vida, porque deixastes cair na minha cabeça uma nódoa tão negra?

As lagrimas e os soluços abafaram-lhe a voz.

— Perdoai-me, senhora, aqui me tendes a vossos pés! tende pena de mim, que eu soffri muito, que amei-vos, que vos amo muito! Compaixão! que serei vosso escravo, beijarei vossas plantas, ajoelhar-me-ei á noite á vossa porta, ouvirei vosso resonar, vossas orações, vossos sonhos, e isso me bastará; serei vosso escravo e vosso cão, deitar-me-ei a vossos pés, quando estiverdes accordada, velarei com meu punhal quando a noite cair; e se algum dia, se algum dia vós me poderdes amar — então, então!...

— Oh! deixai-me! deixai-me!...

— Eleonora! Eleonora! perder noites e noites numa esperança; alental-a no peito como uma flor que murcha de frio; alental-a, revivel-a cada dia, para vel-a desfolhada sobre meu rosto! Absorver-me em amor e só ter irrisão e escarneo? Dizei antes ao pintor que rasgue sua Ma-

dona, ao esculptor que despedace a sua estatua de mulher.

Louca ! pobre louca que sois ! credes que um homem havia de encarnar um pensamento em sua alma, viver desse cancro, embeber-se da vitalidade da dor, para depois rasgal-o do seio ? Credes que elle consentiria que se lhe pisasse no coração, que lhe arrancassem, a elle poeta e amante, da coroa de illusões as flores uma por uma ? que pela noite da desgraça, o seu amor insano de mãe lhe suffocasse sobre o seio a creatura de seu sangue, o filho de sua vida, a esperança de suas esperanças ?

— O ! e não tereis vós tambem dó de mim ? não sabeil-o ? isto é infame ! sou uma pobre mulher. De joelhos eu vos peço perdão se vos offendi . . . Eu vol-o peço, deixai-me ! que me importam vossos sonhos, vosso amor ?

Doía-me profundamente aquella dor ; aquellas lagrimas me queimavam. Mas minha vontade fez-se rija e ferrea como fatalidade.

— Que te importam meus sonhos ? que te importam meus amores ? Sim, tens razão ! que importa á agua do deserto, á gazella do areal, que o arabe tenha sede ou que o leão tenha fome ? Mas a sedé e a fome são fataes. O amor é como elles. Entendes-me agora ?

— Matai-me então ! Não tereis um punhal ! Uma punhalada pelo amor de Deus ! Eu juro, eu vos abençoarei . . .

— Morrer ! e pensas em morrer ! Insensata ! —descer do leito morno do amor á pedra fria dos mortos ! Nem sabes o que dizes. Sabes o que é essa palavra—morrer ? E' a duvida que fana a

existencia; é a duvida, o presentimento que resfria a fronte do suicida, que lhe passa nos cabellos como um vento de inverno, e nos impallidece a cabeça como a Hamleto! **Morrer!** é a cessação de todos os sonhos, de todas as palpitações do peito, de todas as esperanças! **E'** estar peito a peito com nossos antigos amores e não senti-los! **Doida!** é um noivado medonho o do verme: um lençol bem negro o da mortalha! Não fales nisso; porque é lembrar o coveiro junto ao leito da vida. **Põe a mão no teu coração; bate e bate com força,** como o feto nas entranhas de sua mãe.

Ha ahi dentro muita vida ainda, muito amor por amar, muito fogo por viver. Oh! se tu quizeses amar-me!

Ella escondeu a cabeça nas mãos e disse soluçando:

— E' impossivel; eu não posso amar-vos!

Eu disse-lhe:

— Eleonora, ouve-me: deixo-te só: velarei comtudo sobre ti, daquella porta. Resolve-te. Seja uma decisão firme, sim, mas pensada. Lembra-te que hoje não poderás voltar ao mundo; o duque Maffio seria o primeiro que fugiria de ti; a torpeza do adulterio sentil-a-ia elle nas tuas faces, **creria roçar na tua face a humidade de um beijo estranho.** E elle te amaldiçoaria! **Vê:** além a maldição e o escarneo, a irrisão das outras mulheres, a zombaria vingativa daquelles que te amaram e que não amaste. Quando entrares, **dir-se-á: eil-a!** arrependeu-se! o marido, — pobre d'elle! — perdoou-lhe... As mães te esconderão suas filhas, as esposas honestas terão pejo de tocar-te... E aqui, Eleonora, aqui terás

meu peito e meu amor, uma vida só para ti, um homem que só pensará em ti e sonhará sempre contigo, um homem cujo mundo serás tu, serão teus risos, teus olhares, teus amores, que se esquecerá de *hontem*, de *amanhã*, para fazer como um Deus de ti a sua eternidade.

Pensa, Eleonora! se quizesse, partiríamos hoje; uma vida de venturas nos espera. Sou muito rico, bastante para adornar-te como uma rainha. Correremos a Europa, iremos ver a França com seu luxo, a Hespanha, onde o clima convida ao amor, onde as tardes se embalsamam nos laranjaes em flor, onde as campinas se aveludam e se matizam de mil flores; iremos á Italia, á tua patria, e no teu céu azul, nas suas noites limpidas, nos seus crepusculos suavissimos viver de novo ao sol meridional!... Se quizesse... senão seria horrivel.. não sei o que aconteceria; mas quem entrasse neste quarto levaria os pés ensopados em sangue...

Sai : duas horas depois voltei.

— Pensastes, Eleonora ?

Ella não respondeu. Estava deitada com o rosto entre as mãos. A' minha voz ergueu-se. Havia um papel molhado de suas lagrimas sobre o leito. Estendi a mão para tomal-o—ella entregou-m'o.

Eram uns versos meus. Olhei para a mesa, a minha carteira de viagem, que eu trouxera do carro, estava aberta; os papéis estavam revoltos. Os versos eram estes.

Claudius tirou do bolso um papel amarellado e amarrotado; atirou-o na mesa. Johann leu :

Não me odeies, mulher, se no passado
Nodoa sombria desbotou-me a vida,
No vicio ardente requeimando os labios,
E de tudo descri com fronte erguida.

A masc'ra de Don Jun queimou-me o rosto
Na fria pallidez do libertino :
Desbotou-me esse olhar—e os labios frios
Ousam de maldizer do meu destino.

Sim ! longas noites no fervor do jogo
Esperdicei febril e macilento :
E votei o porvir ao Deus do acaso
E o amor profanei no esquecimento !

Murchei no escárneo as c'roas do poeta,
Na ironia da gloria e dos amores :
Aos vapores do vinho, á noite, insano,
Debrucei-me do jogo nos fervores !

A flor da mocidade profanei-a
Entre as aguas lodosas do passado...
No craneo a febre, a pallidez nas faces,
Só cria no sepulchro socegado !

E azas limpidas do anjo em collo impuro
Mareei nos bafos da mulher vendida :
Inda nos labios me rôxêa o sello
Dos osculos da perdida

E a myrrha das canções nem mais vapora
Em profanada taça eivada e negra :
Mar de lodo passou-me ao rio d'alma,

As niveas flores me estalou das bordas.
Sonho de gloria só me passa a furto,
Qual flor aberta a medo em chão de tumbas
—Abatida e sem cheiro...

O meu amor... o peito o silencia :
Guardo-o bem fundo—em sombras de sacrario
Onde hervaçal não se abastou nos ermos.
Meu amor... foi visão de roupas brancas
Da orgia á porta, fria e soluçando :
Lampada santa erguida em leito infame :
Vaso templario da taverna á mesa :
Estrella d'alva reflectindo pallida
No tremedal do crime.

Como o leproso das cidades velhas
Sei, me fugiras com horror aos beijos :
Sei, no doudo viver dos loucos annos
As crenças desflorei em negra insania :
—Vestal prostitui as formas virgens,
—Lancei eu proprio ao mar da c'roa as folhas
—Troquei a rosea tunica da infancia
Pelo manto das orgias.

Oh ! não me ames sequer ! Pois bem ! um dia
Talvez diga o Senhor ao podre Lazaro :
Ergue-te ahi do lupanar da morte,
Revive ao fresco do viver mais puro !
E viverei de novo : a mariposa
Sacode as azas, estremece-as, brilha,
Despindo a negra tez, a baba immunda,
Da larva desbotada.

Então mulher, accordarei : do lodo
Onde Satan se pernoitou commigo,
Onde inda morno perfumou seu molde
Setinosa nudez de formas niveas,
E a loura meretriz nos seios brancos
Deitou-me a fronte livida, na insomnia
Quedou-me a febre da volupia à sede
Sobre os beijos vendidos.

E então accordarei ao sol mais puro,
Cheirosa a fronte às auras da esperança !
Lavarei-me da fé nas aguas d'ouro
De Magdalena em lagrimas—e ao anjo
Talvez que Deus me dê, curvado e mudo
Nos effluvios do amor libar um beijo,
Morrer nos labios d'elle !

Ella calou-se : chorava e gemia.

Acerquei-me della : ajoelhei-me como ante
Deus.

— Eleonora, sim ou não ?

Ella voltou o rosto para o outro lado, quiz fa-
lar interrompia-se a cada syllaba.

— Esperai, deixai que ore um pouco : a Ma-
dona talvez me perdoe.

Esperava eu sempre. Ella ajoelhou-se.

— Agora . . . disse ella erguendo-se e esten-
dendo-me a sua mão.

— Então ?

— Irei contigo.

E desmaiou.

.

Aqui parou a historia de Claudius Hermann.

Elle abaixou a cabeça na mesa: não falou mais.

— Dormes, Claudius? por Deus! ou está bebado ou morto!

Era Archibald que o interpellava: saccudia-o a toda força.

Claudius levantou um pouco a cabeça: estava macilento; tinha os olhos fundos numa sombra negra.

— Deixai-me, amaldiçoados! deixai-me pelo céo ou pelo inferno! Não vedes que tenho somno, — somno e muito somno!

— E a historia, a historia? bradou Solfieri.

— E a duqueza Eleonora? perguntou Archibald.

— E' verdade... a historia. Parece-me que olvidei tudo isso. Parece que foi um sonho!

— E a duqueza?

— A duqueza? Parece-me que ouvi esse nome alguma vez... com os diabos, que me importa?

Ahi quiz proseguir; mas uma força invencivel o prendia.

— A duqueza... E' verdade! Mas como esqueci tudo isso não me lembro!... Tirai-me da cabeça este peso... bofé! que encheram-me o cráneo de chumbo derretido!... E elle batia na cabeça macilenta, como um medico no peito do agonizante para encontrar um echo de vida.

— Então?

— Ah! ah! gargalhou alguém que tinha ficado estranho á conversa.

— Arnold, cala-te!

— Cala-te antes, Solfieri! eu contarei o fim da historia.

Era Arnold, o louro, que accordava.

— Escutai, vós todos, disse.

Um dia Claudius entrou em casa. Encontrou o leito ensopado de sangue e num recanto escuro da alcova um doudo abraçado com um cadaver. O cadaver era ode Eleonora; o doudo nem o poderieis conhecer, tanto a agonia o desfigurara! Era uma cabeça hirta e desgrenhada, uma tez esverdeada, uns olhos fundos e baços, onde o lume da insania scintillava a furto, como a emanação luminosa dos paúes entre as trevas...

Mas elle o conheceu... era o duque Maffio...

Claudius soltou uma gargalhada. Era sombria como a insania—fria como a espada do anjo das trevas. Caiu ao chão, livido e suarento como a agonia, inteiriçado como a morte...

Estava ebrio como o defunto patriarcha Noé, o primeiro amante da vinha, virgem desconhecida até então, e hoje prostituta de todas as bocas... ebrio como Noé, o primeiro borracho de que resa a historia! Dormia pesado e fundo como o apostolo S. Pedro no Horto das Oliveiras... o caso é que ambos tinham ceado.

Arnold estendeu a capa no chão e deitou-se sobre ella.

Dahi a alguns instantes os seus roneos de barytono se mesclavam ao magno concerto dos roncões dos dormidos...



VI

Johann

Pour quoi ? c'est que mon cœur au milieu des délices,
D'un souvenir jaloux, constamment oppressé,
Froid au bonheur présent, va chercher ses supplices
Dans l'avenir et le passé

ALEX. DUMAS.

→ Agora a minha vez! Querol lançar também uma moeda em vossa urna: é o cobre azinhavrado do mendigo—pobre ésmola, por certo!

Era em Pariz, num bilhar. Não sei se o fogo do jogo me arrebatara, ou se o *kirsch* e o *curaçao* me queimaram de mais as idéas... Jogava contra mim um moço: chamava se Arthur.

Era uma figura loura e mimosa como a de uma donzella. Rosa infantil lhe avermelhava as faces; mas era uma rosa de cor desfeita. Leve buço lhe sombreava o labio, e pelo oval do rosto uma pennugem dourada lhe assomava como a felpa que rebuça o pecego.

Faltava um ponto a meu adversario para ganhar. A mim, faltavam-me não sei quantos; sei só que eram muitos; e pois requeria-se um grande sangue frio e muito esmero no jogar.

Soltei a bola. Nessa ocasião o bilhar estremeceu... o moço louro, voluntariamente ou não, se encostara ao bilhar... A bola desviou-se, mudou de rumo: com o desvio della perdi... A raiva levou-me de vencida. Adeantei-me para elle. Ao meu olhar ardente, o mancebo sacudiu os cabellos louros e sorriu como d'escarneo.

Era demais! Caminhei para elle: resoou uma

bofetada. O moço, convulso, caminhou para mim com um punhal; mas os nossos amigos nos sustiveram.

— Isso é briga de marujo. O duello, eis a lucta dos homens de brio.

O moço rasgou nos dentes uma luva e atirou-m'a á cara. Era insulto por insulto, lodo por lodo : tinha de ser sangue por sangue.

Meia hora depois tomei-lhe a mão com sangue frio e disse-lhe ao ouvido :

— Vossas armas, senhor ?

— Sabel-as-eis no logar.

— Vossas testemunhas ?

— A noite e minhas armas.

— A hora ?

— Já.

— O logar ?

— Vireis commigo ! onde pararmos, ahi será o logar.

— Bem, muito bem ; estou prompto ; vamos.

Dei-lhe o braço e saímos. Ao ver-nos tão frios a conversar, creram uma satisfação. Um dos assistentes, comtudo, entendeu-nos.

Chegou a nós e disse :

— Senhores, não ha, pois, meio de conciliar-vos ?

Nós sorrimos ambos.

— E' uma creançaada, tornou elle.

Nós não respondemos.

— Se precisardes de uma testemunha, estou prompto.

Nós nos curvamos ambos.

Elle entendeu-nos ; viu que a vontade era firme : afastou-se.

Nós saímos.

Um hotel estava aberto ; o moço levou-me para dentro.

— Moro aqui ; entrai, disse-me.

Entramos.

— Senhor, disse-me elle, não ha meio de paz entre nós: um bofetão e uma luva atirada ás faces de um homem são nodoas que só o sangue lava. E', pois, um duello de morte.

— De morte, repeti como um echo.

— Pois bem: tenho no mundo só duas pessoas — minha mãe e... Esperai um pouco.

O moço pediu papel penna e tinta. Escreveu ; as linhas eram poucas. Acabando a carta, deu-m'a a ler.

— Vêde, não é uma traição : disse.

— Arthur. creio em vós : não quero ler esse papel.

Repelli o papel. Arthur fechou a carta selou o lacre com um anel que trazia no dedo. Ao ver o anel, uma lagrima correu-lhe na face e caiu sobre a carta.

— Senhor, sois um homem de honra. Se eu morrer, tomai esse anel ; no meu bolso achareis uma carta, entregareis tudo a... Depois dir-vos-ei a quem...

— Estais prompto ? perguntei.

— Ainda não ! Antes de um de nós morrer é justo que brinde o moribundo ao ultimo crepusculo da vida. Não sejamos abyssinios ; demais, o sol no cinabrio do poente ainda é bello.

O vinho do Rheno correu em aguas d'oiro nas taças de crystal verde. O moço ergneu-se.

— Senhor, permitti que eu faça uma saude comvosco.

— A quem ?

— E' um mysterio—é a una mulher, e o nome daquella que se apertou uma vez nos labios, a quem se ama, é um segredo. Não a fareis ?

— Seja como quizerdes, disse eu.

Batemos os copos. O moço chegou á janella. Derramou algumas gottas de vinho do Rheno á noite. Bebemos.

— Um de nós fez a sua ultima saude, disse elle. Boa noite para um de nós; bom leito, e somno socegado para o filho da terra !

Foi a uma secretaria, abriu-a: tirou duas pistolas.

— Isto é mais breve, disse elle, pela espada é mais longa a agonia. Uma dellas está carregada, a outra não. Tiral-as-emos á sorte. Atiraremos á queima-roupa.

— E' um assassinato...

— Não dissemos que era um duello de morte ? que um de nós devia morrer ?

— Tendes razão. Mas dizei-me : onde iremos ?

— Vinde commigo. Na primeira esquina deserta dos arrabaldes. Qualquer canto da rua é bastante sombrio para dois homens dos quaes um tem de matar o outro.

A' meia noite estavamos fora da cidade. Elle pôz as duas pistolas no chão.

— Escolhei, mas sem tocar-as.

Escolhi.

— Agora vamos, disse eu.

— Esperai, tenho um presentimento frio, e

uma voz suspirosa me geme no peito. Quero rezar... é uma saudade por minha mãe.

Ajoelhou-se. A vista daquelle moço de joelhos — talvez sobre um tumulo — lembrei-me que eu tambem tinha mãe e uma irmã... e que eu as esquecia. Quanto a amantes, meus amores eram como a sêde dos cães das ruas: saciavam-se na agua ou na lama... Eu só amara mulheres perdidas.

— E' tempo, disse elle.

Caminhamos frente a frente. As pistolas se encostaram nos peitos. As espoletas estalaram; um tiro só estrondou: elle caiu morto.

— Tomai, murmurou o moribundo, e acenava-me para o bolso.

Atirei-me a elle. Estava afogado em sangue. Estrebuchou tres vezes e ficou frio... Tirei-lhe o anel da mão. Metti-lhe a mão no bolso como elle o dissera. Achei dois bilhetes.

A noite era escura, não pude lel-os.

Voltei á cidade. A' luz baixa do primeiro lampeão vi os dois bilhetes. O primeiro era a carta para a sua mãe. O outro estava aberto; li:

« A' uma hora da noite, na rua de... n. 60, 1º andar, acharás a porta aberta.

Tua G.»

Não tinha outra assignatura.

Eu não soube o que pensar. Tive uma idéa: era uma infamia.

Fui á entrevista. Era no escuro. Tinha no dedo o anel que trouxera do morto... Senti uma mãozinha assetinada tomar-me pela mão:

subi. A porta fechou-se. Foi uma noite deliciosa! A amante do louro era virgem! Pobre Romeu! Pobre Juliota! Parece que essas duas creanças levavam as noites em beijos infantis e em sonhos puros!

(Johann encheu o copo, bebeu-o, mas estremeceu).

Quando eu ia sair, topei um vulto á porta.

— Boa noite, cavalheiro, eu vos esperava ha muito.

Essa voz pareceu me conhecida. Porém, eu tinha a cabeça desvairada...

Não respondi: o caso era singular.

Continuei a descer, o vulto acompanhou-me. Quando chegamos á porta, vi luzir a folha de uma faca. Fiz um movimento e a lamina resvalou-me no hombro. A lucta fez-se terrivel na escuridão. Eram dois homens que se não conheciam; que não pensavam talvez terem-se visto um dia á luz, e que não haviam mais de ver-se por ventura ambos vivos.

O punhal escapou-lhe das mãos, perdendo-se no escuro; subjuguei-o. Era um quadro infernal, um homem na escuridão abafando a bocca do outro com a mão, suffocando-lhe a garganta com o joelho e a outra mão a tactear na sombra procurando um ferro.

Nessa occasião senti uma dor horrivel: frio e dor me correram pela mão. O homem morrera suffocado, e na agonia me enterrara os dentes pela carne. Foi a custo que desprendi a mão sangrenta e descarnada da bocca do cadaver.

Ergui-me.

Ao sair tropecei num objecto sonoro. Abaixei-

me para ver o que era. Era uma lanterna furta-fogo. Quiz ver quem era o homem. Ergui a lampada... O ultimo clarão della banhou a cabeça do defunto... e apagou-se...

Eu não podia crer; era um sonho phantastico toda aquella noite. Arrastei o cadaver pelos hombros... levei-o pela lage da calçada até ao lampeão da rua, levantei-lhe os cabellos ensanguentados do rosto.. (Um espasmo de medo contraiu horrivelmente a face do narrador—tomou o copo, foi beber; os dentes lhe batiam como de frio, o copo estalou-lhe nos labios).

Aquelle homem—sabeil-o! era do sangue do meu sangue, era filho das entranhas de minha mãe como eu—era meu irmão; uma idéa passou ante meus olhos como um anathema. Subi ancioso ao sobrado. Entrei. A moça desmaiara de susto ouvindo a lucta. Tinha a face fria como o marmore. Os seios, nus e virgens, estavam parados e gelidos como os de uma estatua... A forma de neve eu a sentia meia nua entre os vestidos desfeitos, onde a infamia assellara a nodoa de uma flor perdida.

Abri a janella; levei-a até ahi...

Na verdade que sou um maldito!

Olá, Archibald, dai-me um outro copo, enchei-o de *cognac* enchei-o até á borda! Vêdes: sinto frio, muito frio: tremo de calafrios e o suor me corre nas faces! Quero o fogo dos espiritos! a ardencia do cerebro ao vapor que tonteia... quero esquecer!

— Que tens, Johann? tiritas como um velho centenário!

— O que tenho? o que tenho? Não o vêdes, pois? Era minha irmã!

VII

Ultimo beijo de amor

Well Juliet! I shall lie with thee to night

SHAKSPEARE, (Romeo).

A noite ia alta: a orgia findara. Os convivas dormiam repletos nas trevas.

Uma luz raiou subito pelas figas da porta. A porta abriu-se. Entrou uma mulher vestida de negro. Era pallida, e a luz de uma lanterna, que trazia erguida na mão, se derramava macilenta nas faces della, e dava-lhe um brilho singular aos olhos. Talvez que um dia fosse uma belleza typica, uma dessas imagens que fazem decorar de volupia nos sonhos de mancebo. Mas agora, com sua tez livida, seus olhos accesos, seus labios roxos, suas mãos de marmore, e a roupagem escura e gottejante da chuva, dissereis antes—o anjo perdido da loucura.

A mulher curvou-se: com a lanterna na mão procurava uma por uma, entre essas faces dormidas, um rosto conhecido.

Quando a luz bateu em Arnold, ajoelhou-se. Quiz dar-lhe um beijo, alongou os labios. . . Mas uma idéa a susteve. Ergueu-se. Quando chegou a Johann, que dormia, um riso embranqueceu-lhe os beiços; o olhar tornou-se-lhe sombrio.

Abaixou-se junto d'elle, depoz a lampada no chão. O lume baço da lanterna, dando nas roupas

della, espalhava sombra sobre Johann. A fronte da mulher pendeu, e sua mão pousou na garganta delle. Um soluço rouco e suffocado offegou dahi. A desconhecida levantou-se. Tremia, e ao segurar na lanterna, resoou-lhe na mão um ferro... era um punhal... atirou-o ao chão. Viu que tinha as mãos vermelhas - enxugou-as nos longos cabellos de Johann...

Voltou a Arnold, sacudiu-o.

— Accorda e levanta-te!

— Que me queres?

— Olha-me, não me conheces?

— Tu! e não é um sonho? És tu! oh! deixa que eu te aperte ainda! Cinco annos sem ver-te! Cinco annos! E como mudaste!

— Sim: já não sou bella como ha cinco annos! É verdade, meu louro amante! É que a flor da belleza é como todas as flores. Alientai-as ao orvalho da virgindade, ao vento da pureza, e serão bellas. Revolvei-as no lodo—e como os fructos que caem, mergulham nas aguas do mar, cobrem-se de um involucro impuro e salobre! Outr'ora era Georgia, a virgem; mas hoje é Georgia a prostituta!

— Meu Deus! meu Deus!

E o moço sumiu a fronte nas mãos.

— Não me amaldiçoés, não!

— Oh! deixa que me lembre; estes cinco annos que passaram foram um sonho. Aquelle homem do bilhar, o duello á queima-roupa, meu accordar num hospital, essa vida devassa onde me lançou a desesperação, isto é um sonho! Oh! lembremo-nos do passado!

Quando o inverno escurece o céu, cerremos os

olhos; pobres andorinhas moribundas, lembrem-nos da primavera!...

— Tuas palavras me doem... E' um adeus, é um beijo de adeus e separação que venho pedir-te: na terra nosso leito seria impuro, o mundo manchou nossos corpos. O amor do libertino e da prostituta! Satan riria de nós. E' no céu, quando o tumulto nos lavar em seu banho, que se levantará nossa manhã de amor...

— Oh! ver-te, e para deixar-te ainda uma vez! E não pensastes, Georgia, que me fôra melhor ter morrido devorado pelos cães na rua deserta, d'onde me levantaram cheio de sangue? Que fôra-te melhor assassinar-me no dormir do ebrio, do que apontar-me a estrella errante da ventura e apagar-m'a do céu? Não pensaste que, após cinco annos, cinco annos de febre e de insomnias, de esperar e desesperar, de viver por ti, de saudades e agonias, fôra o inferno ver-te para deixar-te?!

— Compaixão, Arnold! E' preciso que esse adeus seja longo como a vida. Vês, minha sina é negra: nas minhas lembranças ha uma nodosa torpe... hoje! é o leito venal... Amanhã!... só espero no leito do tumulto! Arnold! Arnold!

— Não me chames Arnold! chama-me Arthur como dantes. Arthur! não ouves? Chama-me assim! Ha tanto tempo que não ouço me chamarem por esse nome!... Eu era um louco; quiz afogar meus pensamentos, e vaguei pelas cidades e pelas montanhas, deixando em toda a parte lagrimas—nas cavernas solitarias, nos campos silenciosos e nas mesas molhadas de vinho! Vem, Georgia! senta-te aqui, senta-te nos meus joe-

lhos, bem chegada ao meu coração. .tua cabeça no meu hombro! Vem! um beijo! Quero sentir ainda uma vez o perfume que respirava outr'ora nos teus labios. Respire-o eu e morra depois... Cinco annos! oh! tanto tempo a esperar-te, a de-sejar uma hora no teu seio!... Depois... escuta... tenho tanto a dizer-te! tantas lagrimas a derramar no teu collo! Vem! e dir-te-ei toda a minha historia! Minhas illusões de amante, as noites malditas de crapula, e o tedio que me inspiravam aquelles beijos frios das vendidas que me beijavam! Vem! contar-te-ei tudo isto; dir-te-ei como profanei minha alma e meu passado; e choraremos juntos—e nossas lagrimas nos lavarão como a chuva lava as folhas do lodo!

— Obrigada, Arthur! obrigada!

A mulher suffocava-se nas lagrimas, e o mancebo murmurava entre beijos palavras de amor.

— Escuta, Arthur! Eu vinha só dizer-te adeus da borda do meu tumulo; e depois, contente, fecharia eu mesma a porta d'elle... Arthur, eu vou morrer!

Ambos choravam.

— Agora vê, continuou ella. Acompanha-me; vê: aquelle homem?

Arnold tomou a lanterna.

— Johann! morto! sangue de Deus! quem o matou?

— Georgia. Era elle um infame. Foi elle quem deixou por morto um mancebo a quem esbofeteara numa casa de jogo. Georgia prostituta vingou nelle Georgia a virgem. Esse homem foi

quem a deshonrou! deshonrou-a, a ella, que era sua irmã!

— Horror! horror!

E o moço virou a cara e cobriu-a com as mãos.

A mulher ajoelhou-se a seus pés.

— E agora adeus! adeus, que morro! Não vêes que fico livida, que meus olhos se empanam, e tremo... e desfalleço?

— Não! eu não partirei. Se eu vivesse amanhã, haveria uma lembrança horrível em meu passado...

— E não tens medo? Olha! é a morte que vem! é a vida que crepuscula em minha frente. Não vêes esse arrepio entre minhas sobrancelhas?...

— E que me importa o sonho da morte? Meu porvir amanhã seria terrível: e á cabeça apodrecida do cadaver não resoam lembranças; seus labios gruda-os a morte; a campa é silenciosa. Morrerei!

A mulher recuava... recuava. O moço tomou-a nos braços, pregou os labios nos della... Ella deu um grito, e caiu-lhe das mãos. Era horrível de ver-se. O moço tomou o punhal, fechou os olhos, apertou-o no peito e caiu sobre ella. Dois gemidos suffocaram-se no estrondo do baque de um corpo...

A lampada apagou-se.

F I M

EDIÇÕES

DA

LIVRARIA AMERICANA

E

OUTRAS, DE QUE HA SEMPRE GRANDE DEPOSITO

- AIDA, ou a escrava Ethiope—Drama em 5 actos e 7 quadros, por Sylvio Ramiro, 1 vol. br. l \$500
- ALMANACH DE GÖTTA.—A unica obra de estatistica que é exacta. Edição de 1881, 1 vol. encadernado 5\$000
- ARTE DE APRENDER A LER A LETRA MANUSCRITA, por Duarte Ventura, 1 vol. 800
- AMOR E CRIME—Trinta annos de aventuras, por F. Boisgobey, 2 vols. in 4º broch. com gravuras 4\$000
- AMOR DE PERDIÇÃO—Memorias de uma familia, por C. Castello Branco, 5ª edição, 1 vol. in 8º encad. 3\$000
- AMOR DE SALVAÇÃO, por Camillo C. Branc, 2ª edição, 1 vol. in 8º encad. 2\$500

- ADELINA**—Drama em 3 actos e 2 quadros, por Damasceno Vieira, 1 vol. br. 1\$500
- ALPHABETOS E ARITHMETICAS** illustradas, que amenisam e facilitam muitissimo o ensino 600
- ALBUM DE ENSINO UNIVERSAL**—Livro de instrucção popular, por A. Pimentel, 1 vol. in 8º broch. 2\$000
- ALPHABETO PORTUGUEZ**, ou principios de leitura para aprender a ler com facilidade, por J. I. Roquette, 1 vol. cartonado, com numerosas estampas 1\$000
- CURSO ELEMENTAR DE ARITHMETICA**, pelo Dr. Demetrio Nunes Ribeiro.
 1ª Parte:—Arithmetica para as escolas, um vol. br. 800
 2ª Parte:—Arithmetica elementar 1 vol. enc. 2\$500
- EXERCICIOS GRADUADOS DE ANALYSE**—Colleccionados dos meliores autores, por João Affonso, director do Collegio Sul Americano. Obra adoptada nos principaes estabelecimentos de instrucção na provincia, 1 vol. 3ª edição 1\$500
- O BOHEMIO**—Locubrações de um noctambulo—Predicções assombrosas sobre os destinos da humanidade, 1 vol. in 8º broch. 1\$500
- O BEDUINO**—Precioso oraculo, consagrado especialmente a negocios amorosos, contendo uma infinita quantidade de novissimas sortes das mais exactas e infalliveis, para as longas noites de S. Antonio, S. João, S. Pedro, Sant'Anna, etc, 1 vol. br. 1\$200
- ELEMENTOS DE CIVILIDADE** moral e religiosa, ou regras que devem observar as pessoas que

- querem ser bemquistas na sociedade, 1 folheto 200
- CIUMES DO BARDO— Poema por Antonio Feliciano de Castilho, 1 folheto 240
- OS CRITICOS DO CANCIONEIRO ALEGRE— Cartas de Camillo Castello Branco, 1 vol. br. 500
- COSMOGRAPHIA ELEMENTAR, pelo Dr. Henrique Martins, Lente da Escola Militar. Obra approvada pelo conselho de Instrucção da Côrte e mandada adoptar na Escola Militar pelo ministerio da guerra, 2ª edição, 1 vol. com gravuras 1\$500
- CEZAR QUE MATA E PEDRO QUE MENTE, por Victor Hugo—versão de Emygdio d'Oliveira— 1 vol. broch. com retrato 500
- OS COMMUNISTAS NO EXILIO, por H. Rochefort, 2 vols. in 4º broch. com gravuras 3\$500
- OS COMPANHEIROS DA GUITARRA, por Paulo Saurinière, 2 vol. in 4º broch. com estampas 4\$000
- CAMÕES. Edição commemorativa do Centenario de Camões em 10 de Junho de 1880, por Affonso Celso Junior, 1 vol. cartonado 1\$500
- UM CONFLICTO NA CÔRTE— Romance historico por A. Pimentel, 2 vols. in 8º brochados. 3\$000
- CANTICOS FUNEBRES, por Magalhães (visconde de Araguaya) 1 grande vol. encadernado 5\$000
- NOVO DICCIONARIO PORTUGUEZ-LATINO— composto por Manoel Bernardes Branco, da Academia Real das sciencias e professor de grego e latim em Lisboa, 1 grande vol. in 4º encadernado 10\$000
- GUIA DE CORRESPONDENCIA e escripturação commercial, contendo modelos de tudo quanto se possa necessitar para o uso do commercio,

como sejam : circulares, saques, letras, toda a classe de cartas, finalmente obra imprescindivel a quem se dedica ao commercio—Compilada por B. Moreira de Sá--1 grande vol. in 4º enc. 6\$000

DICIONARIO DAS FLORES, folhas e fructas, vademecum dos namorados, 1 vol. broch. 500

DESCOBERTAS E MARAVILHAS das sciencias industriaes e domesticas, publicação illustrada com 39 gravuras, utilissima aos industriaes e donas de casa ; por Antonio L. S. Duarte, pharmaceutico, 1 vol. in 4º enc. 5\$000

DISCURSOS PARLAMENTARES do conselheiro José Bonifacio de Andrade e Silva, com o retrato do mesmo, 1 grosso volume brochado 2\$000

DESPEDIDA DE JOÃO BRANDÃO a sua mulher, filhos, amigos e collegas, com a resposta de sua mulher, etc., etc., seguido da verdadeira despedida e de uma relação de seus crimes, 1 folheto 200

DISCURSOS PARLAMENTARES do Dr. José Vieira de Castro, 1 volume in 8º com o retrato do autor 3\$000

DISCURSO SOBRE A CARIDADE—por José Cardoso V. de Castro, 1 vol. brochado 500

DISENHO LINEAR ou elementos de Geometria pratica popular, seguidos de algumas noções de agrimensura, stereometria e architectura, pelo Dr. Atilio Cezar Borges, 1 volume cartonado 1\$000

ESERCIZIO DEL CRISTIANO, 1 volume elegantemente encadernado 1\$000

ECHOS DE ROMA—Pelo padre Guilherme Dias, com

- um juizo critico de José Palmella, 1 volume brochado 1\$, encadernado 2\$000
- EDUCAÇÃO DAS MÃES DE FAMILIA** ou a civilisação do genero humano pelas mulheres, por Aimé Martin, traducção de Joaquim M. da Silva, bacharel pela universidade de Coimbra. (Esta obra foi coroada pela academia franceza).
2 vols. in 8º encadernados 5\$000
- ELOQUENCIA NACIONAL**, lições elementares, por Freire de Carvalho, 1 vol. encad. 2\$500
- DA EDUCAÇÃO**, por França Leite, 1 vol. cartornado 1\$000
- O FIACRE N. 13**, por Xavier de Montepin, 6 vols. in 4º broch. com gravuras 10\$000
- O FILHO EXILADO**—Poesia de Costa Lima, 1 folheto 200
- FABULAS DE LAFONTAINE**—Historia de Carlos XII—Selecta organizada por João Affonso, de accordo com o novo programma para os exames de francez em todas as mesas do Imperio, 1 vol. enc. 1\$500
- A FAMILIA**—Lições de philosophia moral por P. Janet, 3ª ed. portugueza da 11ª ed. franceza, novamente revista e correcta pelo autor, 1 vol. in 8º enc. 3\$000
(Esta obra foi coroada pela academia franceza)
- GRANDE VARIEDADE DE LIVROS** com gravuras coloridas, para creanças, desde o preço de 100 réis até 3\$000
- GRAMMATICA PORTUGUEZA** Composta segundo o methodo de Marcet, por Luiz Kræmer Walter. Adoptada nas escolas primarias da

provincia e nas aulas da Escola Normal, 2 vols. enc. 3\$000

Vende-se separadamente cada volume por 1\$500

O GENIO DO MAL—Romance historico, por Arnaldo Gama, 4 vols. broch. com gravuras 8\$

O GATO DE BORDO—Romance maritimo, por Ernesto Capendu, 2 vols. br. 2\$ enc. 3\$000

GRAMMATICA FRANCEZA, por Emilio Sévène—Nova edição correcta e augmentada por um habil professor, 2 vols. enc. 2\$500

NOVA GRAMMATICA PORTUGUEZA, compilada por Bento José d'Oliveira, 1 vol. in 4º enc. 2\$000

NOVO METHODO DE GRAMMATICA LATINA, pelo padre Antonio Pereira, 1 vol. cart. 1\$000

HISTORIA POPULAR do Rio Grande do Sul—pelo Dr. Alcides Lima, 1 vol br. 2\$000

HISTORIA DA REPUBLICA RIO GRANDENSE, pelo Dr. Assis Brazil, 1 vol. in 8º brochado 3\$

O HOMEM DE GELO, por George Sand, 2 vol. in 4º broch. com estampas 4\$

HISTORIA SAGRADA do antigo e novo testamento, enriquecida com muitas notas e reflexões moraes para instrucção e santificação dos fieis, por J. I. Roquette, 2 vols. encad. 6\$000

HERNANI OU A HONRA DOS CASTELHANOS, drama em 5 actos, por Victor Hugo, 1 vol. br. 1\$

HISTORIA MEDIA E MODERNA—por J. A. Souza Doria, 2 vols. enc. 6\$

HISTORIA UNIVERSAL DA IGREJA, pelo Dr. João Alzog—obra publicada com approvação do episcopado brasileiro e portuguez, 4 grandes vols. 14\$000

COMPENDIO DA HISTORIA ANTIGA—por Justiniano
J. da Rocha, 1 vol. enc. 2\$500

A IGREJA E O ESTADO, por Ganganelli (J. Saldanha
Marinho) 4 grandes vols. br. 10\$000

INST. . . DO GRAO DE APREND. . . COM. . . EM. . .
do rito escossez antigo e aceito, em tres fo-
lhetos distinctos, cada um 320

A JUDIA, por Thomaz Ribeiro, seguida da paro-
dia á mesma por G. da Silveira 200

MAPPA GEOGRAPHICO da Provincia de S. Pedro do
Rio Grande do Sul, precedido de uma breve
noticia sobre a natureza de seu solo, riqueza
mineral e vegetal, productos agricolas, na-
vegação de seus rios e arroios, em refere-
cia ás transacções commerciaes—organisa-
do pelos engenheiros José Ignacio Coimbra
e tenente-côronel Conrado Jacob Niemeyer
—Um grande mappa medindo 1^m,36 + 1^m,30,
acondicionamento portatil 6\$000

E' este o mais exato e completo dos map-
pas da Provincia até hoje publicados.

NOVO MENSAGEIRO DOS AMANTES ou o meio mais
seguro o infallivel de ser feliz em amores.
Variadissima collecção de cartas de amor
para todos os casos possiveis e imaginaveis,
colhidas nos archivos dos mais intelligen-
tes namorados da epocha. Edição inteira-
mente nova da Livraria Americana. Um
vol. enc.

O MEU AMIGO BANANA — Cançoneta comica, 1
vol. br. 200

A MULHER FATAL, por Emilio Richebourg, 2
vol. in. 4º broch. com estampas 4\$000

- MEMORIAS DE UMA CANTORA — Leitura para homens, 1 vol. br. 2\$000
- MANUAL DE ARBORICULTURA—por Alexandre de Souza Figueiredo, 1 grande vol. encad. 7\$
- COMPENDIO DE MUSICA, por Francisco Manoel da Silva. 1\$000
- A NOITE NA TAVERNA — Contos phantasticos, por Alvares de Azevedo, 1 vol. br. 500
- NAVIO NEGREIRO—Tragedia no mar, por Castro Alves, 1 folheto 200
- EPITHOME ORTHOGRAPHICO ou orthographia resumida para uso dos collegios, por J. l. Arnizaut Furtado, professor da lingua vernacula e socio fundador da Bibliotheca Publica Pelotense. 2ª edição correcta e augmentada, 1 vol. 600
- OPALAS—Poesias de Fontoura Xavier —1 vol. in 8º broch. primorosamente impresso em papel Chamois 2\$000
- ORAÇÃO GRATULATORIA, que pela terminação da guerra do Paraguay pronunciou o conego Joaquim Matheus, em Braga 200
- OBRAS DE CASEMIRO DE ABREU, um volume encadernado, com o retrato do autor 3\$000
- O QUE ANDA PELO AR, por Alberto Pimentel, 1 vol. in 8º brochado, com o retrato do autor 2\$000
- ORNAMENTOS DE MEMORIA e exercicios selectos, por J. I. Roquette, 1 vol. enc. 2\$500
- OBRAS DE AYRES D'ORNELLAS de Vasconcellos (Arcebispo de Goa e Primaz do Oriente) precedidas de uma noticia biographica e retrato do autor, 1 grande vol. brochado 8\$000
- CURSO PRATICO DE PEDAGOGIA, destinado aos alum-

- nos, mestres e aos instituidores em exercicio, por Daligault, 1 vol. in 4º enc. 6\$000
- COMPENDIO DE PEDAGOGIA, por Bráulio Jayme Muniz Cordeiro, 1 vol. in 8º enc. 3\$000
- POESIAS de Clarinda da Costa Siqueira—Traz como introdução um artigo da *Gazeta de Porto Alegre*, a necrologia da illustre finada pelo Sr. A. J. Caetano da Silva Junior, um preito de homenagem da distincta poetisa rio-grandense Exma. Sra. D. Honorina Torres, e como chave de ouro apontamentos biographicos pelo abalizado publicista Carlos von Koseritz, 1 volume brochado por 2\$000
Elegantemente encadernado 3\$000
- POESIAS AVULSAS de Magalhães (visconde de Araguaia) 1 grosso vol. encadernado 5\$000
- LA PHILOSOPHIE POSITIVE—Agusto Comte et M. Pierre Lafitte, par Robinet, 1 volume cartonado 1\$000
- A PHILOSOPHIA NO BRAZIL ou apontamentos para a historia da litteratura brazileira, pelo Dr. Sylvio Roméro, 1 vol. brochado 2\$000
- ROMA PERANTE O SECULO, por Carlos von Koseritz, 1 vol. brochado 1\$, enc. 2\$000
- REGRAS E EXERCICIOS de leitura para os principiantes de francez, por João Affonso, 1 vol. brochado 500
- RHETORICA NACIONAL. Lições elementares seguidas de um livre ensaio sobre a critica litteraria, por Freire de Carvalho, 1 volume encadernado 2\$500
- Os ROUGON MACQUART e a côrte de Napoleão 3º, historia natural e social de uma familia no

- tempo do 2º Império, por E. Zola, 2 vols. in 8º brochado 2\$500
- RATTAZI e sua epocha, Victor Manoel Carlos Alberto, pela princeza Rattazzi, 1 vol. in 8º brochado com o retrato dos tres grandes personagens 2\$000
- RATTAZI e sua epocha. A Italia e cavour, pela princeza Rattazi, 1 vol. in 8º com o retrato de Cavour 2\$000
- BREVES NOÇÕES DE SYNTAXE E ORTHOGRAPHIA para analysar e escrever correctamente o portuguez, 1 folheto 500
- A SCIENCIA DO BOM HOMEM RICARDO ou meio de fazer fortuna, por Benjamin Franklin. 1 folheto 320
- SERPENTINAS — Mimoso album de recitativos, muitos ineditos e primorosos, justamente resgatados á modestia de seus autores, 1 vol. in 8º broch. 1\$200
1 vol. encadernado 2\$500
A mesma obra elegantemente encadernada, para presente 5\$000
- SELECTA NACIONAL—Curso pratico de litteratura portugueza, por F. J. Caldas Aulette, 1 vol. cartonado 2\$500
- SOPHISMAS ECONOMICOS—1ª e 2ª serie, por F. Bastiat, 1 grande vol. encadernado 4\$000
- SOLUÇÕES POSITIVAS da politica brasileira, 1 volume cartonado 1\$000
- A TRAIÇÃO — Carta a El-Rei D. Luiz sobre a venda de Lourenço Marques, 1 vol. brochado 500
- THESSOURO DE MENINOS, por P. Blanchard, com gravuras, 1 vol. encadernado 1\$000
- THESSOURO INNEGOTAVEL, ou collecção de varios

- processos e receitas com applicação ás Sciencias, Artes, Industrias, Agricultura e Economia Domestica, obra utilissima a todas as classes da sociedade, 3ª edição correcta e consideravelmente augmentada, por Agostinho da S. Vieira, pharmaceutico chimico de 1ª classe, 1 vol. in 4º encadernado 5\$000
- TRAÇOS GERAES de linguistica, por Julio Ribeiro, 1 vol. cartonado 1\$000
- TRAGEDIAS—Antonio José—Olgiate e Othelo, por Magalhães (visconde de Araguaya), 1 grande vol. encadernado 5\$000
- THESSOURO DO SACERDOTE, pelo padre José Mach. Obra approvada e recommendada pela sagrada congregação dos ritos e pela maior parte dos cardeaes de todas as nações, trad. da 7ª edição, com a approvação do autor e consideravelmente augmentada pelo padre M. F. Marengo e Souza.
2 grandes vols. brochados 10\$000
- TARIFA das Alfandegas do Brazil, 1 vol. enc. 9\$000
- ULTIMOS HARPEJOS — (Fragmentos poeticos) pelo Dr. Sylvio Roméro, edição de luxo, 1 vol. broch. 2\$000
- A UNIDADE NACIONAL—Conferencia realisada em Porto Alegre pelo Dr. A. Brazil, 1 opusculo 500
- ULTIMO DIA DE UM CONDEMNADO, por Victor Hugo, 1 vol. brochado 1\$000
- O ULTIMO CARRASCO (Luiz Negro), por Leite de Bastos, 1 vol. in 8º brochado 2\$000
- URANIA — Poema por Magalhães (visconde de Araguaya), 1 grande volume. 5\$000
- VIAGENS á roda do Codigo Administrativo, por Alberto Pimentel, 1 volume in 8º broc. 2\$000



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).